OBSERVATÓRIO DO TRABALHO DE CURITIBA

ESTUDO TEMÁTICO 1
ANÁLISE SOBRE ASPECTOS ESTRUTURAIS E ESPECIFICIDADES ECONÔMICAS DO SETOR INDUSTRIAL NA REGIÃO METROPOLITANA DE CURITIBA

Aditivo nº 21303/01 ao Contrato de Prestação de Serviços *– SMTE/MC e DIEESE*

SETEMBRO DE 2015

CURITIBA
PREFEITURA DA CIDADE
SECRETARIA MUNICIPAL DO TRABALHO E EMPREGO

60 anos DIEESE

EXPEDIENTE DA PREFEITURA DO MÚNICIPIO DE CURITIBA

GUSTAVO FRUET
Prefeito do Município de Curitiba

MIRIAN GONÇALVES
Vice-prefeita e Secretária de Trabalho e Emprego

ANTONINHO CARLOS CLAUDINO DOS SANTOS
Chefe de gabinete da Secretaria de Trabalho e Emprego

MARISA STEDILLE
Superintendente

ROBERTO OLIVEIRA SOUZA JUNIOR
Diretor do Departamento de Qualificação para o Trabalho

ANA CÉLIA PIRES CURUCA LOURENÇÃO
Diretora do Departamento de Convênios

LENINA FORMAGGI
Diretora do Departamento de Planejamento das Relações de Trabalho

Secretaria Municipal do Trabalho e Emprego
Endereço: Rua da Glória, 362 – 6º andar.
Curitiba – PR – CEP 80030-060. Tel: (41) 3221-2930
http://www.curitiba.pr.gov.br

EXPEDIENTE DO DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS – DIEESE

Direção Técnica

Clemente Ganz Lúcio – Diretor Técnico
Patrícia Pelatieri – Coordenadora Executiva
Rosana de Freitas – Coordenadora Administrativa e Financeira
Nelson de Chueri Karam – Coordenador de Educação
José Silvestre Prado de Oliveira – Coordenador de Relações Sindicais
Airton Santos – Coordenador de Atendimento Técnico Sindical
Angela Schwengber – Coordenadora de Estudos e Desenvolvimento

Coordenação Geral do Projeto

Angela Schwengber – Coordenadora de Estudos e Desenvolvimento
Patricia Laczynski – Supervisora dos Observatórios do Trabalho
André Marega Pinhel – Técnico responsável pelo projeto

Equipe Executora

DIEESE

DIEESE – Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos
Rua Aurora, 957 – Centro – São Paulo – SP – CEP 01209-001
Fone: (11) 3821 2199 – Fax: (11) 3821 2179
E-mail: institucional@dieese.org.br
Site: http://www.dieese.org.br

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 5
1. CARACTERIZAÇÃO GERAL DO SETOR INDUSTRIAL 13
1.1. Participação da Indústria no Valor Adicionado Bruto 13
1.2 Comércio exterior de bens industrializados 16
1.3 Ocupação na Indústria 17
2. O EMPREGO FORMAL NA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO 18
2.1. A evolução do estoque de empregos no setor 18
2.2. Estabelecimentos industriais na RMC 26
2.3 Perfil dos trabalhadores na Indústria 29
2.4 Movimentação no mercado de trabalho industrial 31
2.5.Remuneração média na Indústria 34
2.6.Famílias ocupacionais 36
3. CONVENÇÕES E ACORDOS COLETIVOS NA INDÚSTRIA: ANÁLISE DOS REAJUSTES 40
CONCLUSÕES 44
GLOSSÁRIO 47
GLOSSÁRIO DE FAMÍLIAS OCUPACIONAIS 49
ANEXOS 52

APRESENTAÇÃO

O presente estudo, intitulado "*Análise sobre aspectos estruturais e especificidades econômicas do setor Industrial na Região Metropolitana de Curitiba*" faz parte do plano de atividades do Observatório do Trabalho de Curitiba, uma parceria entre o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE), a Prefeitura de Curitiba e a Secretaria Municipal do Trabalho e Emprego de Curitiba (SMTE) (Aditivo nº 21303/01 ao Contrato 21303/2014) e tem como objetivo analisar a estrutura do mercado de trabalho industrial em Curitiba e região, bem como a participação do setor na economia local.

O objetivo geral do estudo é trazer insumos para a compreensão da atividade industrial no contexto nacional, e mais especificadamente, na região metropolitana de Curitiba, a fim de traçar hipóteses para o arrefecimento recente na atividade econômica associada a este setor. Para atender a este objetivo, o estudo está dividido em três partes, além desta apresentação, da introdução e da conclusão, que analisam aspectos diferentes do setor. Na primeira parte, o estudo enfoca a participação da Indústria no PIB, bem como o peso do setor na balança comercial, a fim de traçar elementos para a compreensão da importância da atividade para a geração de riqueza, sempre comparando o cenário local com as tendências regionais e nacionais. Na segunda seção, o estudo analisa, especificamente, o emprego formal na Indústria de transformação, desenvolvendo indicadores para analisar a evolução do estoque de empregos do setor sob diversas variáveis, tais como perfil dos trabalhadores e a movimentação do emprego no setor segundo o perfil dos vínculos. Por fim, a terceira seção abarcará uma análise sobre os reajustes associados à Indústria, bem como a cláusulas de destaque em acordos e convenções coletivas correlatas.

Destaca-se que o presente estudo faz parte do atual Termo Aditivo e é o primeiro de três trabalhos que serão desenvolvidos, abordando temas específicos do mercado de trabalho. Cabe ressaltar que a presente produção, foi precedida pelos seguintes produtos, que fizeram parte do período anterior de execução do contrato: *Inserção de pessoas com deficiência no mercado de trabalho*, a *Economia criativa em Curitiba* e a *Agenda curitibana do trabalho decente*. Destaca-se, ainda, o papel importante do Escritório Regional do DIEESE no Paraná para a elaboração deste relatório, auxiliando na

concepção do estudo e na formulação do problema de pesquisa, bem como, na organização do painel com os reajustes na indústria que integra a seção final do estudo.

INTRODUÇÃO

Definição do objeto de estudo e problema de pesquisa

O presente estudo, intitulado *Análise sobre aspectos estruturais e especificidades econômicas do setor Industrial na Região Metropolitana de Curitiba*, tem por objetivo analisar as características da atividade econômica no setor industrial no município de Curitiba e, mais especificadamente, as particularidades estruturais de seu mercado de trabalho formal. A justificativa encontrada para a formulação deste objeto de investigação se pauta pela constatação de um arrefecimento no mercado de trabalho associado a este setor, principalmente no decorrer do ano de 2015[1]. Este estudo se propõe a apresentar dados gerais da estrutura econômica deste setor, a fim de levantar hipóteses acerca do seu movimento recente e trazer elementos que subsidiem a formulação de políticas publicas para a área de emprego, trabalho e renda.

Há que se ponderar, entretanto, as particularidades analíticas que envolvem a investigação deste objeto. Em primeira instância, levanta-se a dificuldade em caracterizar as mudanças no mercado de trabalho do setor industrial, quais sejam de natureza estrutural/generalizada ou conjuntural/localizada. O primeiro desafio, neste sentido, é compor séries históricas suficientemente longas, que permitam avaliar as tendências estruturais de longo prazo do setor. Além disto, embora o estudo tome foco especial em Curitiba e região, é importante que a conjuntura local seja associada às tendências regionais e nacionais, a fim de situar os resultados obtidos dentro do cenário macroeconômico.

Como será mostrado no estudo, a participação da Indústria no Valor Adicionado Bruto (VAB) vem apresentando uma tendência estrutural de declínio, sendo que em 2004 representava 30,11% do VAB nacional, e em 2012[2], decresceu para 26,0%. Para o caso de Curitiba, a tendência é ainda mais acentuada. Em 2004 o setor representava 24,2%

1 Considerando o saldo acumulado no Brasil, entre meses de janeiro a junho de 2015, nota-se que o resultado da Indústria de transformação no CAGED somava -162 mil vínculos de emprego, sendo que no mesmo período de 2014 o resultado havia sido positivo em 50 mil vínculos (Anexo I). Na RMC, o saldo negativo de empregos em 2015 (-6.027) representa um aprofundamento do resultado para igual período de 2014 (-3.633), principalmente na Indústria de material de transporte (-1.594) e na Indústria de alimentos e bebidas (-1.182).

2 Apesar de disponibilizar dados das contas nacionais para o nível nacional até 2014, o período analisado aqui se restringe até o ano de 2012, para permitir a compatibilização com os dados municipais.

do VAB, portanto um patamar de participação da indústria na economia inferior à média nacional, e apresentando trajetória descendente desde então, alcançando 17,0% em 2012. Soma-se a esta análise a constatação de que, considerando o crescimento acelerado dos empregos formais, o estoque de empregos na Indústria de transformação vem crescendo, porém em um ritmo inferior ao total de empregos, principalmente no período que se segue a crise econômica mundial de 2008. Este fato se verifica tanto a nível nacional e regional (Sul e Paraná), quanto na Região Metropolitana de Curitiba, onde já se registra decréscimo do estoque do setor no ano de 2013.

Os elementos apresentados dão indícios de um arrefecimento da atividade industrial, mas não permitem qualificá-lo, ou ainda, afirmar que a economia passa por um processo de desindustrialização[3]: Frente aos indicadores já apresentados, fica a questão: como tem sido o desempenho dos diferentes segmentos produtivos da Indústria de transformação? Em particular, se existem e quais são as especificidades do desempenho destas atividades na região de Curitiba. Este estudo tem o objetivo de contribuir para delinear tais especificidades e trazer elementos para compreensão da atividade correlata a nível local.

A proposta de trabalhar com a desagregação para a RMC (Região Metropolitana de Curitiba) surge com a intenção de retratar um quadro econômico mais aproximado da tendência regional, estadual e nacional, o que não ocorreria se a capital fosse destacada da RMC. Como ficará claro no decorrer do estudo, ao longo da última década a participação do setor industrial na geração de riqueza da Capital diminuiu, ao passo que se manteve relativamente estável e crescente para a RMC, tendência que se demonstra mais latente para subsetores específicos, como é o caso da Indústria metalúrgica. Ao mesmo tempo, quando se olha para os dados da RAIS (Relação Anual de Informações Sociais), nota-se que a participação da capital no estoque da Indústria de transformação da RMC vem caindo, já que em 2003 representava 51,8%, e em 2013, 45,9%. Considerando a possibilidade de deslocamento da atividade econômica industrial da capital para outros municípios da RMC, e reconhecendo a interdependência dos

3 Para mais informações sobre o tema ver a Nota técnica nº 100 do DIEESE, intitulada Desindustrialização: conceito e situação do Brasil (2011). No texto fica evidente a complexidade que envolve a questão, tanto no que se refere às evidencias ou efeitos da desindustrialização. O texto está disponível em: http://portal.mte.gov.br/data/files/8A7C812D3052393E013055A36C450E9D/dieese_nt100.pdf

municípios da região no que se refere à habitação, mobilidade e aparelhagem urbana, o estudo optou pela sistematização dos indicadores para o conjunto de municípios da RMC.

Fatores de influência na atividade econômica industrial

Ainda que o estudo se concentre na análise dos indicadores do emprego na Indústria de transformação, em particular no desempenho do setor na capital paranaense, é importante ter certo entendimento acerca de alguns fatores que têm influenciado o desempenho da Indústria a nível nacional. Nesta perspectiva, existem alguns fatores mais sistêmicos e de longo prazo e outros de ordem mais pontual e conjuntural.

A abertura aos mercados internacionais e as reformas econômicas dos anos 1990, em particular após o Plano Real, trouxeram um grande desafio para a economia e principalmente para a indústria nacional. Como consequência, houve um aumento significativo da participação dos produtos importados na oferta nacional e uma redução da participação dos investimentos em relação ao PIB. No mercado de trabalho verificou-se um aumento da taxa de desemprego, da informalidade e da precarização do trabalho. Também são relatadas a desestruturação de bases produtivas, com "desadensamento" de cadeias de produção, e a desnacionalização das empresas, através dos investimentos diretos externos. Neste período, verificou-se um aumento de produtividade da economia, porém não acompanhado de um aumento significativo do produto, ou seja, uma produção com uma menor absorção de fatores de produção, notadamente o trabalho.

Já a primeira década dos anos 2000 trouxe o acirramento da concorrência internacional, em particular com o aumento de participação dos produtos chineses no mercado, o que implica em novos desafios de competitividade para o mundo inteiro, não afetando somente o mercado nacional. Ao mesmo tempo, o mesmo "efeito China" é responsável pelo aumento dos preços das commodities, o que favoreceu a inserção comercial do Brasil no mundo pelas exportações, garantindo resultados positivos e crescentes na balança comercial em boa parte deste período.

Do ponto de vista macroeconômico, três fatores são particularmente importantes para entender o desempenho da indústria: a tendência da taxa de câmbio, que influencia o nível interno dos preços dos bens comercializáveis; os preços dos produtos brasileiros

no mercado externo; e a definição do patamar de juros básicos da economia (taxa Selic), que é o principal instrumento da política monetária vigente.

No que tange ao primeiro ponto, a evolução da taxa de câmbio no Brasil nos últimos vinte anos tem apresentado um perfil de oscilação. Nos primeiros anos do Plano Real apresentou uma apreciação significativa, sendo um elo importante da política de controle da inflação. Em 1999 e em 2002, por razões diversas, sofreu duas desvalorizações importantes. A partir de então e com a melhoria das condições internacionais, em termos de liquidez e fluxo de capitais produtivos, associado a um diferencial de juros significativos, houve uma valorização da moeda nacional. Esta valorização foi minimizada ou interrompida em alguns momentos, como durante a crise internacional, e mais recentemente nos últimos meses. Ainda que os economistas possam ter divergências acerca de qual seria a taxa de câmbio real de equilíbrio da economia brasileira ao longo do período analisado, parecia haver um consenso de que havia uma sobrevalorização desta taxa, mesmo quando ela seguia em tendência de desvalorização entre 2011/2012. Aliás, neste período esta questão fica mais premente, já que o saldo da balança comercial brasileira, que vinha se reduzindo paulatinamente desde 2007, passa a apresentar quedas ainda mais significativas, chegando ao primeiro *déficit* comercial em 2014, após mais de dez anos de conta superavitária.

Assim, olhando novamente para a tendência de longo prazo, se for considerado que os preços dos produtos básicos cresceram em ritmo muito mais acelerado do que o preço dos produtos manufaturados, aliado à trajetória de valorização da moeda no mercado doméstico, tem-se um cenário de bastante dificuldade para a indústria nacional, tanto na competição pelo mercado consumidor interno, concorrendo com importações baratas, quanto no mercado internacional.

Por último, é fundamental mencionar a questão do patamar das taxas reais de juros no Brasil, dada pelo diferencial entre as taxas básicas de juros da economia e a inflação do período. Desde a criação do Plano Real, a taxa básica de juros, e a real, têm se apresentado em patamares estruturalmente elevados, ainda que com tendência de redução, porém mantendo-se em patamares elevados em comparações internacionais. Nos primeiros anos dos anos 2000, houve um aumento na taxa SELIC, que passou a se reduzir após 2005-2006, depois da crise econômica mundial, a taxa básica de juros da economia caiu a um patamar inferior aos dois dígitos (10/06/2009, com 9,16% a.a) pela

primeira vez desde a criação da SELIC, em 05/03/1999. Depois de voltar ao patamar de dois dígitos entre os anos de 2010 e 2011, a SELIC regressou ao patamar inferior a 10,00% a.a, até janeiro de 2014, e desde então vem registrando altas consecutivas, até atingir o atual patamar de 14,25% a.a[4]. Disso decorrem duas questões. A primeira é que a redução da taxa básica de juros da economia, que torna o crédito mais barato, aliado à política de transferência de renda e à política de valorização do salário mínimo entre outros fatores, impulsionou o mercado consumidor doméstico, em parte atendido por importações, considerando os fatores mencionados anteriormente. Por outro lado, esta mesma redução dos juros, aliado a outras políticas, conferiu um impulso aos investimentos produtivos no período, porém não na magnitude suficiente para alavancar a oferta doméstica de modo significativo.

Em termos estruturais e de longo prazo, essas são as principais questões para serem consideradas sempre que for preciso avaliar a situação da Indústria de transformação, observando o impacto destes fatores nas diferentes atividades produtivas contempladas pelo setor, bem como suas particularidades regionais.

Análise setorial da indústria na RMC

Para investigar as questões apresentadas, o presente estudo foi dividido em três partes. Na primeira parte configura-se uma caracterização geral do setor industrial, tendo como fonte de pesquisa a participação do setor na geração de riqueza. Para este caso, toma-se como referência a base de dados das contas nacionais, mantida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, considerando o período de 2002 a 2012. A seção leva em consideração os dados desagregados para o Brasil, a região Sul, o estado do Paraná, a RMC e a Capital, com enfoque especial nestas duas ultimas regiões.

A segunda secção enfoca especificamente o emprego formal na Indústria de transformação, tendo como referência a Relação Anual de Informações Sociais (RAIS). Como estratégia analítica, diversos indicadores terão recortes por subsetores de atividade econômica, o que permite situar a estrutura do setor nas atividades que têm mais peso para o emprego na RMC. A seção ainda traz um mapa construído a partir do

4 Meta definida durante a 192ª reunião do Comitê de Política Monetária (COPOM) do Banco Central, em 27/07/2015. Série histórica disponível em: http://www.bcb.gov.br/?COPOMJUROS

Sistema Integrado de Georreferênciamento (Sig-WEB), retratando a disposição dos estabelecimentos industriais na capital paranaense.

Por fim, o estudo investiga os reajustes salariais negociados nos acordos e convenções coletivas, com abrangência para o setor industrial, contidas no Sistema de Acompanhamento de Salários (SAS) e complementadas com outras negociações selecionadas. Trata-se de uma pesquisa, mantida pelo DIEESE, que avalia o resultado de negociações em acordos e convenções coletivas em mais de 800 unidades de negociação em todo o território nacional. Para este estudo, foram selecionadas 18 unidades de negociação, cujo segmento representasse uma parcela significativa do estoque de empregos industriais da RMC. Além de avaliar os reajustes obtidos para o setor como um todo, a análise deverá avançar para os diversos segmentos que compõem o painel, a fim de ter uma visão especifica sobre o desempenho de cada atividade nas negociações sindicais.

1. CARACTERIZAÇÃO GERAL DO SETOR INDUSTRIAL

1.1. Participação da Indústria no Valor Adicionado Bruto

Em 2003, o Brasil apresentou um valor adicionado bruto (VAB) total de 1,4 trilhões de reais, apresentando crescimento constante até o ano de 2012, quando atingiu a marca de R$ 3,7 trilhões. Neste mesmo ano, o Sul apresentou resultado de R$ 604 bilhões, o que representava 16,2% do VAB nacional, participação que recuou em relação a 2003, quando era 18,0%. O estado do Paraná, em 2012, apresentou um valor adicionado bruto de R$ 216 bilhões, o que representava 5,8% do resultado nacional. Nota-se ainda que a participação do estado no acumulado nacional acompanha a tendência de queda observada no Sul, já que em 2003 o Paraná era responsável por 6,6% do VAB brasileiro. Em contraposição, a participação da RMC no VAB nacional permaneceu praticamente estável no período analisado (2,4% em 2003 e 2,3% em 2012) e atingiu R$ 85 bilhões em 2012. Por fim, nota-se que em 2012 o VAB da capital paranaense representa praticamente a metade do resultado da região metropolitana (R$ 46 bilhões) e 1,3% do resultado nacional, também indicando estabilidade na série analisada.

Observando especificadamente o VAB da Indústria, nota-se que o Brasil gerou neste setor, um resultado de R$ 969 bilhões em 2013. Todas as regiões analisadas apresentam, na série estudada, decréscimo na participação do VAB deste setor, com destaque para o Sul, que observou sua participação decrescer de 18,9%, em 2003, para 16,9% em 2012. Na RMC, a participação do VAB industrial também diminuiu de 2,8% em 2003 para 2,4% em 2012, ainda que tenha registrado estabilidade em relação a 2008 (2,4%). Em Curitiba, a participação no VAB industrial também diminuiu de 1,1% em 2003 para 0,8% em 2012, atingindo um total de 7,9 bilhões neste ultimo período.

É interessante notar que, a participação do município de Curitiba no VAB dos Serviços (1,5% do total nacional em 2012) é superior àquela apresentada na Indústria (0,8% no mesmo ano). A especialização da capital no setor de Serviços garantiu, em 2012, um VAB que corresponde a 63,3% do total do resultado do setor da RMC, ao passo que o VAB obtido na Indústria representa, no mesmo período, 35,0% do resultado da RMC.

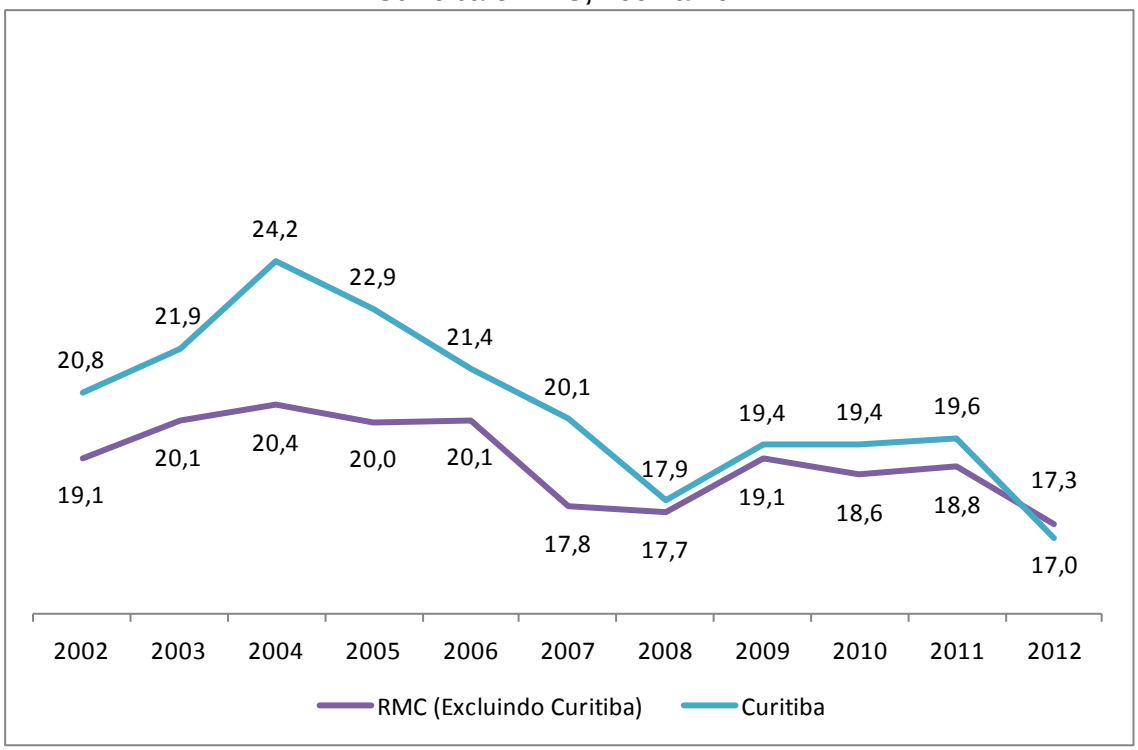
TABELA 1
Valor adicionado bruto e participação percentual, segundo setores de atividade econômica
Regiões geográficas selecionadas, 2003, 2008 e 2012

Região / periodo		Agropecuária		Indústria		Serviços		Total	
		Nº Absoluto	Part. (%)	Nº Absoluto	Part. (%)	Nº Absoluto	Part. (%)	Nº Absoluto	Part. (%)
Brasil	2003	108.619.000	100	409.504.000	100,0	952.491.000	100,0	1.470.614.000	100,0
	2008	152.612.000	100	719.987.000	100,0	1.707.850.000	100,0	2.580.449.000	100,0
	2012	198.137.110	100	969.233.841	100,0	2.557.698.505	100,0	3.725.069.456	100,0
Sul	2003	32.923.624	30,3	77.270.363	18,9	154.038.237	16,2	264.232.224	18,0
	2008	41.269.579	27,0	123.749.043	17,2	268.854.843	15,7	433.873.465	16,8
	2012	46.491.423	23,5	163.681.516	16,9	394.621.982	15,4	604.794.921	16,2
Paraná	2003	12.628.940	11,6	27.347.423	6,7	56.751.887	6,0	96.728.250	6,6
	2008	14.553.784	9,5	41.208.326	5,7	98.868.590	5,8	154.630.700	6,0
	2012	19.993.299	10,1	53.186.265	5,5	143.597.128	5,6	216.776.692	5,8
RMC	2003	637.497	0,6	11.440.380	2,8	23.347.411	2,5	35.425.288	2,4
	2008	949.465	0,6	17.417.609	2,4	44.532.152	2,6	62.899.226	2,4
	2012	1.301.555	0,7	22.811.509	2,4	61.488.815	2,4	85.601.879	2,3
Curitiba	2003	13.110	0,0	4.336.036	1,1	15.420.509	1,6	19.769.655	1,3
	2008	21.801	0,0	6.310.542	0,9	28.832.866	1,7	35.165.209	1,4
	2012	19.051	0,0	7.966.911	0,8	38.924.117	1,5	46.910.079	1,3

Fonte: IBGE
Elaboração: DIEESE

Avançando na análise, o Gráfico 01 apresenta a participação da Indústria no total do VAB, para Curitiba e RMC, excluindo a capital. Nota-se que a participação da Indústria no VAB, em Curitiba, se manteve superior a RMC, com trajetória ascendente até o ano de 2004, quando atingiu o pico de participação (24,2%). Desde então, a participação deste setor no VAB curitibano vem diminuindo, e a partir do ano de 2008 - período em que o país enfrentou os efeitos da crise econômica mundial – os dois percentuais se aproximam (17,9% em Curitiba e 17,7% na RMC). Nos anos subsequentes, a proporção nas duas regiões esteve próxima, e em 2012, a participação da Indústria no VAB da RMC superou a de Curitiba (17,3% contra 17,0%).

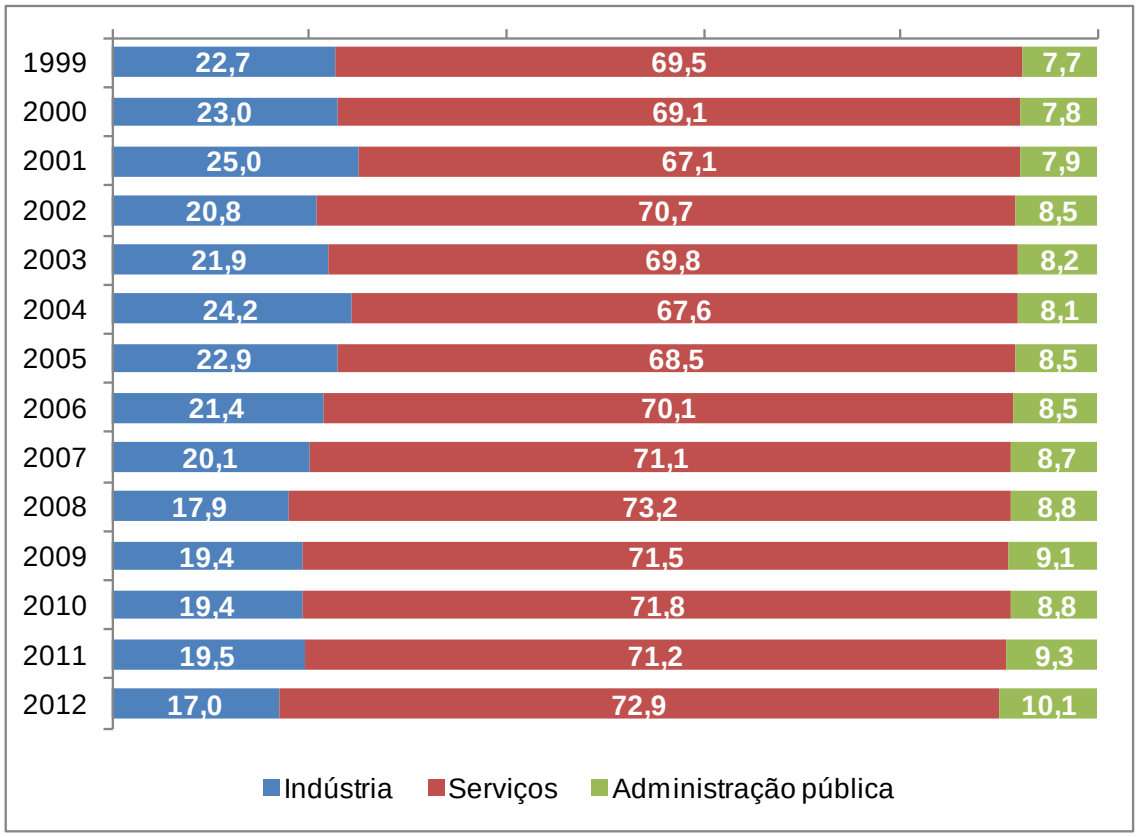
GRÁFICO 1
Evolução da participação da Indústria no VAB total
Curitiba e RMC, 2002 a 2012



Fonte: IBGE
Elaboração: DIEESE

A tendência de queda da participação da Indústria no VAB curitibano pode ser explicada pela ampliação da participação dos Serviços e da Administração pública. No caso dos Serviços, a participação oscilou entre 67,6%, em 2004, até 72,9%, em 2012. No caso da Administração pública, observa-se tendência de crescimento na participação, partindo de 7,7%, em 1999, e atingindo 10,1 em 2012. Em consequência da expansão destes setores, a capital paranaense observou a participação da Indústria no VAB decair, de 22,7% em 1999 para 17,0% em 2012 (Gráfico 2).

GRÁFICO 2
Valor adicionado bruto segundo setores de atividade econômica
Curitiba, 1999 a 2012



Fonte: IBGE
Elaboração: DIEESE

1.2 Comércio exterior de bens industrializados

Em 2000, o município de Curitiba exportou US$ 643 milhões em produtos industrializados, sendo que a maior parcela (88,8%, ou US$ 571 milhões) era de produtos manufaturados. Em 2014, o montante de produtos industrializados se expandiu para US$ 1,3 bilhões, e a participação de produtos manufaturados passou a representar 97,0% do total (ou US$ 1,3 bilhões). O ano de 2003 merece destaque, quando as exportações de produtos industrializados subiram 51,9% em relação ao ano anterior. Entretanto, no ano de 2009, observa-se decréscimo de -51,0% em relação ao ano anterior, queda que pode ser atribuída à crise econômica internacional. Também é interessante ressaltar que após atingir um pico em 2004 (com US$ 115 milhões) o montante de produtos semimanufaturados exportados por Curitiba vem caindo constantemente.

Observa-se que, na maior parte da série analisada, o montante associado a produtos industrializados importados é superior à exportação. Em 2000, o município importou US$ 1,06 bilhões de produtos industrializados, sendo que 97,4% (US$ 1,03 bilhões) eram produtos manufaturados. Em 2014, o valor total de produtos industrializados importados somou US$ 3,8 bilhões, sendo 98,8% (US$ 3,7 bilhões) de produtos manufaturados. Cabe um destaque especial para o ano de 2010, período de retomada da atividade econômica, quando as importações de produtos industrializados subiram 53,8% em relação ao ano anterior, totalizando US$ 3,6 bilhões. Por outro lado, em 2014, o valor total de produtos industrializados importados caiu -16,1% em relação ano anterior.

TABELA 2
Valores de exportação e importação de produtos semimanufaturados, manufaturados e industrializados e variação percentual
Curitiba, 2000 a 2013 (em milhões de US$ FOB)

	Exportação				Importação				
Ano	Semi manufaturados (A)	Manufaturados (B)	Industrializados (A+B)	Variação percentual	Semi manufaturados (A)	Manufaturados (B)	Industrializados (A+B)	Variação percentual	Saldo
2000	71.814	571.465	643.279	-	28.009	1.037.153	1.065.162	-	-421.883
2001	70.835	480.983	551.818	-14,2	14.527	1.285.933	1.300.459	22,1	-748.642
2002	80.889	449.431	530.320	-3,9	19.460	685.389	704.849	-45,8	-174.529
2003	91.930	713.455	805.386	51,9	10.015	827.455	837.470	18,8	-32.084
2004	110.046	1.176.542	1.286.588	59,7	18.148	1.096.117	1.114.265	33,1	172.323
2005	115.517	1.535.773	1.651.290	28,3	13.482	1.171.019	1.184.500	6,3	466.790
2006	95.309	1.388.221	1.483.530	-10,2	20.852	1.389.862	1.410.714	19,1	72.816
2007	89.469	1.595.494	1.684.963	13,6	26.824	2.140.807	2.167.631	53,7	-482.668
2008	81.863	2.113.582	2.195.446	30,3	59.210	3.047.995	3.107.205	43,3	-911.759
2009	50.219	1.024.477	1.074.697	-51,0	31.427	2.353.730	2.385.157	-23,2	-1.310.460
2010	43.938	1.410.712	1.454.650	35,4	48.675	3.619.409	3.668.084	53,8	-2.213.434
2011	45.266	1.640.971	1.686.237	15,9	62.516	4.576.368	4.638.884	26,5	-2.952.647
2012	37.722	1.612.124	1.649.846	-2,2	59.612	4.340.664	4.400.276	-5,1	-2.750.429
2013	41.107	1.579.929	1.621.037	-1,7	51.974	4.514.547	4.566.521	3,8	-2.945.484
2014	**40.913**	**1.313.924**	**1.354.837**	**-16,4**	**45.238**	**3.786.844**	**3.832.082**	**-16,1**	-2.477.245

Fonte: Secex. MDIC
Elaboração: DIEESE

1.3 Ocupação na Indústria

A Tabela 3 apresenta o número de trabalhadores ocupados na Indústria, com 15 anos ou mais, segundo a posição na ocupação. Nota-se que, em todas as regiões pesquisadas houve diminuição na estimativa do numero de ocupados neste setor, entre 2012 e 2013, com destaque para a RMC, que observou queda de 6,5%, partindo de 325 mil ocupados em 2012 para 304 mil, em 2013. A menor variação relativa foi registrada para o estado

do Paraná (-1,7%), que apresentava pouco mais de um milhão de ocupados no setor industrial em 2012 e atingiu 992 mil em 2013.

Observando as posições na ocupação, nota-se que os empregados com carteira assinada representam a maioria dos ocupados do setor, e observaram diminuição em seu contingente em todas as regiões, com destaque para a RMC, que observou redução de 7,8% nesta categoria. Já o número de trabalhadores por conta própria se manteve estável ou cresceu, em todas as regiões, com exceção da RMC, onde registrou ligeira queda (de 35 mil em 2012 para 34 mil, em 2013). Por fim, vale apontar que o número de empregadores cresceu em todas as regiões, com exceção do Brasil, onde registrou queda de 3,4%. Na RMC, os empregadores do setor industrial somavam 15 mil, em 2012, e 20 mil, em 2013, o que representa um incremento de 33,3%.

TABELA 3
Número de trabalhadores ocupados na Indústria, com 15 anos ou mais, segundo a posição na ocupação

	Brasil		Sul		Paraná		RMC	
Posição na ocupação	**2012**	**2013**	**2012**	**2013**	**2012**	**2013**	**2012**	**2013**
Empregados	10.758.000	10.248.000	2.449.000	2.302.000	847.000	818.000	270.000	249.000
Trabalhadores domésticos	-	-	-	-	-	-	-	-
Empregadores	460.000	446.000	123.000	135.000	37.000	42.000	15.000	20.000
Conta própria	1.970.000	2.056.000	308.000	308.000	112.000	126.000	35.000	34.000
Trabalhadores na construção para o próprio uso	-	-	-	-	-	-	-	-
Trabalhadores na produção para o próprio consumo	-	-	-	-	-	-	-	-
Não remunerados	177.000	155.000	26.000	25.000	13.000	6.000	5.000	1.000
Total	**13.366.000**	**12.906.000**	**2.906.000**	**2.771.000**	**1.009.000**	**992.000**	**325.000**	**304.000**

Regiões geográficas selecionadas, 2012 e 2013

Fonte: PNAD. IBGE.
Elaboração: DIEESE

2. O EMPREGO FORMAL NA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO

2.1. A evolução do estoque de empregos no setor

Em 2013, o Brasil apresentou um estoque de empregos formais na Indústria de transformação que somava 8,2 milhões de vínculos, o que representava 16,9% do estoque de empregos total (48,9 milhões de vínculos). Em 2003, este setor apresentava um estoque de 5,3 milhões de empregos, o que representava 18,1% do total. Observa-se, portanto, que o crescimento médio anual do estoque de empregos da indústria de transformação (4,5%) foi inferior ao crescimento médio do estoque total (5,2%). Tal tendência também se apresentou para o Sul, o estoque de empregos industriais avançou em média 4,1% a.a, saindo de 1,4 milhões de vínculos para 2,1 milhões. Contudo, a

participação da indústria no estoque total recuou de 27,2% em 2003 para 25,4% em 2013, devido ao crescimento mais expressivo do estoque total (4,8%). O caso do Paraná destoa das regiões analisadas, já que o crescimento médio da indústria de transformação (5,1% a.a) foi muito similar aquele registrado para o estoque estadual (5,2%).

Na RMC, o estoque de empregos na Indústria de transformação atingiu 221 mil vínculos, em 2013. Nota-se que o estoque vinha crescendo constantemente desde 2003 (quando apontava 139 mil vínculos), a uma média de 4,8% a.a, mas registrou uma queda entre 2012 e 2013, de -3.225 postos (ou -1,43%). Em Curitiba, o estoque de empregos na Indústria de transformação somou 101.871 vínculos, em 2013. Observa-se que a tendência de crescimento observada para a RMC também se reproduziu na capital, embora a um ritmo mais lento (em média 3,5% a.a). A queda registrada entre 2012 e 2013, entretanto, foi mais incisiva, de -5.659 vínculos (ou -5,3%).

TABELA 4
Estoque de empregos formais no setor da indústria de transformação e total, e variação média anual (%)
Regiões geográficas selecionadas, 2003 e 2013

	Brasil		Sul		Paraná		RMC		Curitiba	
Periodo	Indústria de transf.	Total	Indústria de transf.	Total	Indústria de transf.	Total	Indústria de transf.	Total	Indústria de transf.	Total
2003	5.356.159	29.544.927	1.432.137	5.256.600	431.618	1.884.380	139.306	777.744	72.180	583.094
2004	5.926.857	31.407.576	1.585.073	5.632.349	483.432	2.032.770	156.713	840.817	80.879	633.869
2005	6.133.461	33.238.617	1.594.507	5.831.790	496.518	2.109.348	161.859	871.327	82.286	648.706
2006	6.594.783	35.155.249	1.686.547	6.170.491	533.130	2.251.290	174.356	958.885	87.695	716.519
2007	7.082.167	37.607.430	1.810.141	6.502.575	585.818	2.378.931	192.672	1.003.054	93.465	738.441
2008	7.310.840	39.441.566	1.856.835	6.802.842	608.802	2.503.927	201.044	1.054.595	96.090	771.798
2009	7.361.084	41.207.546	1.868.809	7.078.443	620.249	2.637.789	204.543	1.134.839	97.678	833.585
2010	7.885.702	44.068.355	2.006.823	7.557.531	658.613	2.783.715	217.057	1.180.289	102.591	848.850
2011	8.113.805	46.310.631	2.060.210	7.902.443	677.810	2.920.277	222.877	1.241.047	106.305	898.099
2012	8.148.328	47.458.712	2.052.679	8.129.698	678.080	3.033.665	225.116	1.309.299	107.530	967.397
2013	8.292.739	48.948.433	2.137.331	8.415.302	710.559	3.121.384	221.891	1.290.689	101.871	936.159
Variação média anual	**4,5**	**5,2**	**4,1**	**4,8**	**5,1**	**5,2**	**4,8**	**5,2**	**3,5**	**4,8**

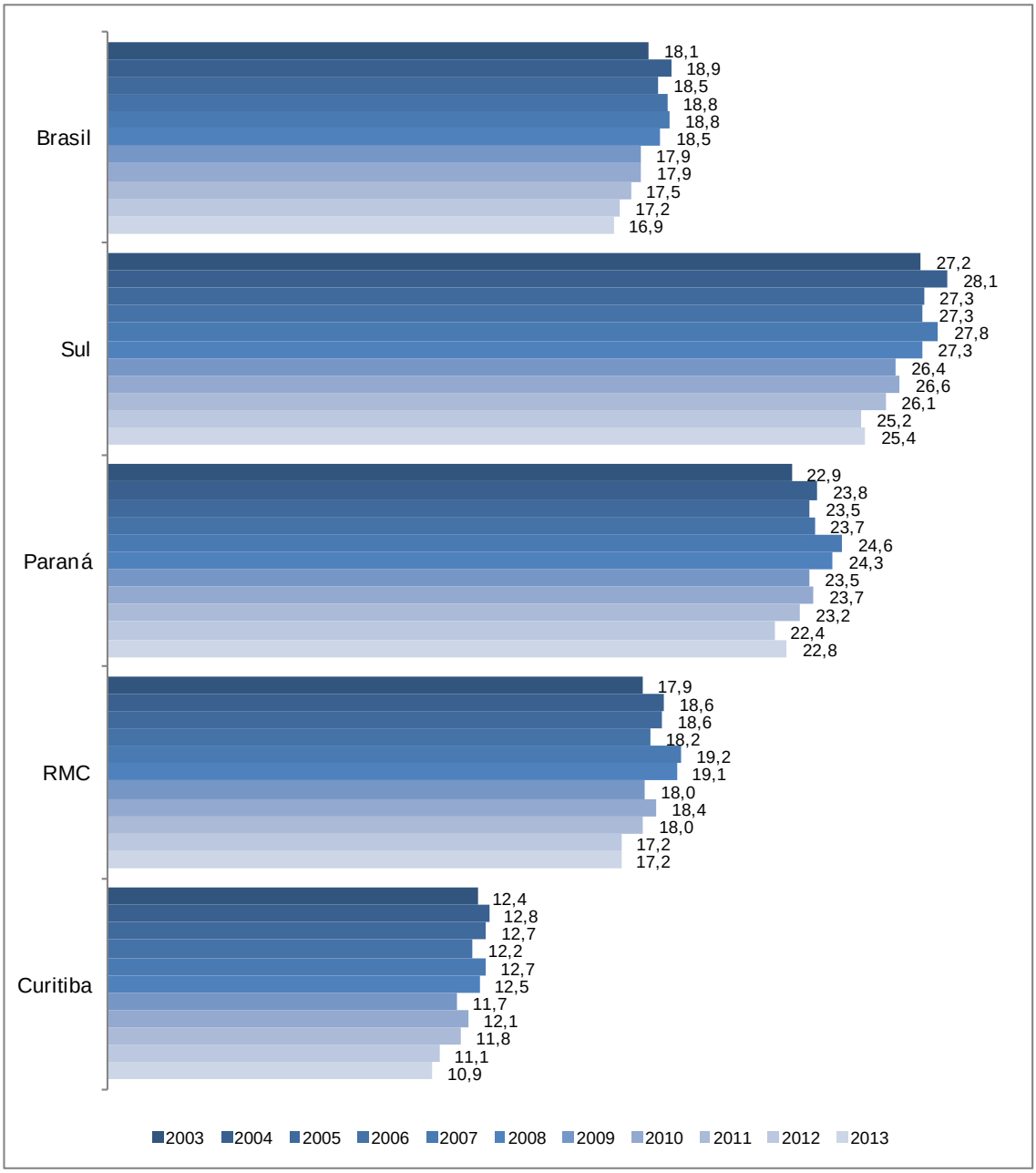
Fonte: RAIS
Elaboração: DIEESE

Como foi adiantado anteriormente, a participação dos vínculos da Indústria de transformação no estoque total vem caindo de forma generalizada. No Brasil, a participação do setor sai de 18,1%, em 2003, e atinge o pico no ano seguinte, com 18,9%, registrando trajetória descendente a partir de então, até atingir 16,9% em 2013. A mesma tendência registrada para o Brasil se replica para o Sul, região com maior participação de empregos industriais dentre as analisadas. Em 2003, a participação do

setor industrial no estoque era de 27,2%, e atingiu o pico no ano seguinte (28,1%), e desde então observou diminuição na participação até atingir 25,4% em 2013. O caso do Paraná representa uma divergência a esta tendência: em 2003, a participação da Indústria de transformação no estoque estadual era de 22,9%, e cresceu com algumas oscilações até atingir o pico em 2007, de 24,6%. Desde então, a participação oscilou, e em 2013 atingiu nível próximo aquele registrado no inicio da série, de 22,8%.

Na RMC, a participação do estoque da Indústria de transformação no total apresentou trajetória ascendente, de 17,9% em 2003 a 19,2% em 2007, quando atingiu o pico. Depois da crise econômica mundial de 2008, a participação diminuiu para 18,0% em 2009, descendendo em 2013 para um patamar inferior ao inicio da série (17,2% em 2003). Já no caso de Curitiba, o pico da participação se deu em 2004, com 12,8%, e a partir de então vem registrando trajetória descendente ate atingir 10,9% em 2013.

GRÁFICO 3
Participação percentual do estoque de empregos da Indústria de transformação no estoque total
Regiões geográficas selecionadas, 2003 a 2013



Fonte: RAIS
Elaboração: DIEESE

Na sequência, analisa-se o coeficiente locacional do setor da Indústria de transformação. Trata-se de um indicador que pondera se a participação de um determinado setor é maior em um determinado território do que o observado para o estado, o que pode indicar algum tipo de especialidade naquela atividade. Em geral, os empregos industriais tendem a ter maior participação no estoque fora das capitais, já que para os 26 casos (excluindo Brasília, que representa um caso atípico para esta análise) apenas

Teresina e Manaus apresentam maior participação do estoque de empregos da indústria do que seus estados pontuando, em 2013, coeficiente locacional de 1,0 e 1,1, respectivamente. Sobre este ultimo caso, vale apontar que os programas de incentivo fiscal à indústria – expresso pela Zona Franca de Manaus – descaracterizam um parâmetro de comparação, e a participação do estoque industrial atingiu 24,3% do estoque de empregos desta capital em 2013.

Em 2013, em Curitiba, a participação do setor da Indústria de transformação no estoque de empregos (10,9%) era próxima a de São Paulo (10,3%) e Fortaleza (11,3%). Em relação às demais capitais do Sul, Curitiba apresenta a maior participação do estoque industrial do que Porto Alegre (6,2%) e Florianópolis (2,3%). Seu coeficiente locacional marcou 0,5, valor idêntico àquele encontrado para a média nacional.

TABELA 5
Participação do estoque da Indústria de transformação nas capitais e nos estados e coeficiente locacional
Capitais e UF's, 2003, 2008 e 2013

Capitais	2003		2008		2013		Coeficiente locacional (2013)
	% nas capitais	% nos estados	% nas capitais	% nos estados	% nas capitais	% nos estados	
Porto Velho	3,3	12,6	3,6	11,6	3,7	10,3	0,4
Rio Branco	4,3	5,0	5,3	5,6	4,7	5,4	0,9
Manaus	23,8	22,2	24,5	22,0	24,3	21,8	1,1
Boa Vista	3,7	4,0	3,7	4,2	3,2	3,5	0,9
Belém	5,4	13,0	4,7	10,6	3,8	7,9	0,5
Macapá	2,1	3,3	2,2	2,5	2,5	3,2	0,8
Palmas	1,8	4,8	1,9	5,5	2,3	6,5	0,4
São Luiz	4,9	6,5	5,3	6,6	4,2	6,0	0,7
Terezina	7,5	7,8	7,2	7,1	6,8	6,6	1,0
Fortaleza	13,6	19,9	12,6	19,1	11,1	17,6	0,6
Natal	7,5	11,5	9,7	13,1	7,3	10,8	0,7
João Pessoa	6,2	11,8	6,7	13,0	6,2	12,3	0,5
Recife	6,4	13,4	6,4	15,3	5,1	13,6	0,4
Maceió	6,1	25,4	7,4	24,4	6,1	18,2	0,3
Aracaju	6,0	10,6	5,8	10,7	4,9	11,6	0,4
Salvador	3,4	9,2	3,7	10,3	4,7	9,9	0,5
Belo Horizonte	6,4	16,9	6,1	17,8	5,3	16,8	0,3
Vitória	3,8	13,4	3,8	14,2	3,4	13,1	0,3
Rio de Janeiro	8,0	10,4	7,6	10,6	7,6	10,2	0,7
São Paulo	13,4	22,0	12,6	22,5	10,3	20,1	0,5
Curitiba	12,4	22,9	12,5	24,3	10,9	22,8	0,5
Florianópolis	2,5	33,2	2,8	32,7	2,3	30,8	0,1
Porto Alegre	7,4	27,5	7,3	26,4	6,2	24,2	0,3
Campo Grande	5,8	11,6	6,4	13,7	7,0	15,1	0,5
Cuiabá	6,1	15,4	6,8	15,1	6,5	13,7	0,5
Goiânia	10,3	14,3	9,4	16,3	8,6	16,5	0,5
Brasília	2,5	2,5	3,4	3,4	3,1	3,1	1,0
Total	**9,0**	**18,1**	**8,9**	**18,5**	**7,9**	**16,9**	**0,5**

Fonte: RAIS
Elaboração: DIEESE

Em 2013, o subsetor de Material de transporte era responsável pela maior participação do estoque de empregos da Indústria de transformação na RMC (15,1%), com 33.611 vínculos. Em segundo lugar no ranking figura o subsetor de Alimentos e bebidas, que participava com 14,5% dos vínculos do setor, o que representava 32.200 vínculos de emprego. Em terceiro lugar no ranking se encontrava a Indústria mecânica, responsável por 31.983 vínculos de emprego, ou 14,4% do estoque de empregos da Indústria de transformação. Observa-se ainda que, em relação ao inicio da série, a indústria de

Alimentos e bebidas perdeu participação (de 16,1% em 2003 para 14,5% em 2013), ao passo que Material de transporte e Indústria mecânica expandiram suas participações no estoque industrial.

Em relação ao crescimento médio, nota-se que cinco dos 12 subsetores de atividade econômica registraram crescimento médio superior àquele registrado para o total da Indústria. O destaque é o subsetor da Indústria mecânica, que cresceu em média 8,6% a.a, saindo de 13.952 vínculos, em 2003, para 31.983, em 2013. Por outro lado, o setor de Madeira e mobiliário foi o que menos cresceu em média, apenas 0,1%, atingindo um pico em 2008 (com 14.365 vínculos) e depois retrocedendo em 2013 ao patamar inicial da série.

TABELA 6
Estoque de empregos formais na Indústria de transformação e participação percentual, segundo subsetores de atividade econômica e variação média anual RMC, 2003, 2008 e 2013

Subsetor de atividade econômica	2003		2008		2013		Variação média anual
	Nº Absoluto	Part. %	Nº Absoluto	Part. %	Nº Absoluto	Part. %	
Material de transporte	18.759	13,5	30.221	15,0	33.611	15,1	6,0
Alimentos e bebidas	22.465	16,1	34.247	17,0	32.200	14,5	3,7
Indústria mecânica	13.952	10,0	23.940	11,9	31.983	14,4	8,6
Indústria química	17.496	12,6	24.042	12,0	27.135	12,2	4,5
Indústria metalúrgica	12.919	9,3	20.070	10,0	23.572	10,6	6,2
Papel e gráfica	11.651	8,4	16.477	8,2	16.353	7,4	3,4
Produção de minerais não metálicos	10.236	7,3	12.007	6,0	13.799	6,2	3,0
Madeira e mobiliário	13.511	9,7	14.365	7,1	13.696	6,2	0,1
Elétrico e comunicação	7.096	5,1	11.460	5,7	12.122	5,5	5,5
Borracha, fumo, couros	5.767	4,1	7.319	3,6	8.633	3,9	4,1
Indústria têxtil	5.303	3,8	6.765	3,4	8.594	3,9	4,9
Indústria calçados	151	0,1	131	0,1	193	0,1	2,5
Total	**139.306**	**100,0**	**201.044**	**100,0**	**221.891**	**100,0**	**4,8**

Fonte: RAIS
Elaboração: DIEESE

Em 2013, a classe de atividade econômica com maior participação no estoque de empregos da Indústria de transformação era a de *Fabricação de peças e acessórios para veículos automotores não especificados anteriormente*, que respondia por 12.588 vínculos, ou 5,7% do estoque deste setor. Destaca-se que em 2006, esta CNAE respondia por 8.695 vínculos (6,2% da participação do estoque industrial), o que representa um crescimento médio de 5,4% a.a. Em segundo lugar no ranking figura a *Fabricação de automóveis, caminhonetas e utilitários*, com estoque de 10.003 vínculos

de emprego (4,5% do total em 2013). Em 2003, esta CNAE respondia por 7.893 vínculos (ou 5,3% do total), o que representa um crescimento médio anual de 4,4%. Em terceiro lugar no ranking figuram *os Serviços de catering, bufê e outros serviços de comida preparada*[5], que representavam 3,9% do estoque de empregos da Indústria de transformação, ou 8.639 vínculos. Vale destacar ainda o caso da quinta colocada do ranking, a *Fabricação de produtos derivados de cacau, de chocolates e confeitos*, classe de atividade que observou seu estoque de empregos avançar em média 51,4% a.a, partindo de 347 vínculos em 2006 e atingindo 6.324 em 2013.

Juntas, estas quatro CNAES se somam a outras 16 classes de atividade com destaque na participação do estoque da Indústria de transformação, somando 104,8 mil vínculos, ou 47,2% do total. Em relação ao ano de 2006, entretanto, nota-se que a participação destas CNAES no total diminuiu, já que naquele ano eram responsáveis por 54,0% do estoque da Indústria de transformação.

TABELA 7
Estoque de empregos formais na Indústria de transformação, participação percentual e variação média anual, segundo CNAE
RMC, 2006 e 2013

Classe CNAE	2006		2013		Variação média anual
	Nº Absoluto	Part. %	Nº Absoluto	Part. %	
Fabricação de peças e acessórios para veículos automotores não especificados anteriormente	8.695	6,2	12.588	5,7	5,4
Fabricação de automóveis, camionetas e utilitários	7.385	5,3	10.003	4,5	4,4
Serviços de catering, bufê e outros serviços de comida preparada	7.099	5,1	8.639	3,9	2,8
Fabricação de artefatos de material plástico não especificados anteriormente	5.669	4,1	7.851	3,5	4,8
Fabricação de produtos derivados do cacau, de chocolates e confeitos	347	0,2	6.324	2,9	51,4
Fabricação de artefatos de concreto, cimento, fibrocimento, gesso e materiais semelhantes	3.181	2,3	5.610	2,5	8,4
Fabricação de móveis com predominância de madeira	4.281	3,1	5.228	2,4	2,9
Fabricação de produtos de metal não especificados anteriormente	4.775	3,4	4.968	2,2	0,6
Fabricação de fogões, refrigeradores e máquinas de lavar e secar para uso doméstico	3.083	2,2	4.965	2,2	7,0
Fabricação de produtos alimentícios não especificados anteriormente	7.432	5,3	4.224	1,9	-7,8
Fabricação de caminhões e ônibus	1.627	1,2	4.220	1,9	14,6
Fabricação de equipamentos de informática	2.416	1,7	4.122	1,9	7,9
Fabricação de embalagens de material plástico	3.359	2,4	3.740	1,7	1,5
Fabricação de peças e acessórios para o sistema motor de veículos automotores	5.624	4,0	3.722	1,7	-5,7
Fabricação de fios, cabos e condutores elétricos isolados	1.344	1,0	3.602	1,6	15,1
Manutenção e reparação de máquinas e equipamentos da indústria mecânica	1.322	0,9	3.221	1,5	13,6
Fabricação de cosméticos, produtos de perfumaria e de higiene pessoal	1.701	1,2	3.036	1,4	8,6
Fabricação de madeira laminada e de chapas de madeira compensada, prensada e aglomerada	3.952	2,8	2.950	1,3	-4,1
Fundição de metais não-ferrosos e suas ligas	681	0,5	2.936	1,3	23,2
Fabricação de tratores agrícolas	1.206	0,9	2.853	1,3	13,1
Total 20 maiores	**75.179**	**54,0**	**104.802**	**47,2**	**4,9**
Total demais CNAES	**64.127**	**46,0**	**117.089**	**52,8**	**9,0**
Total indústria de transformação	**139.306**	**100,0**	**221.891**	**100,0**	**6,9**

Fonte: RAIS
Elaboração: DIEESE

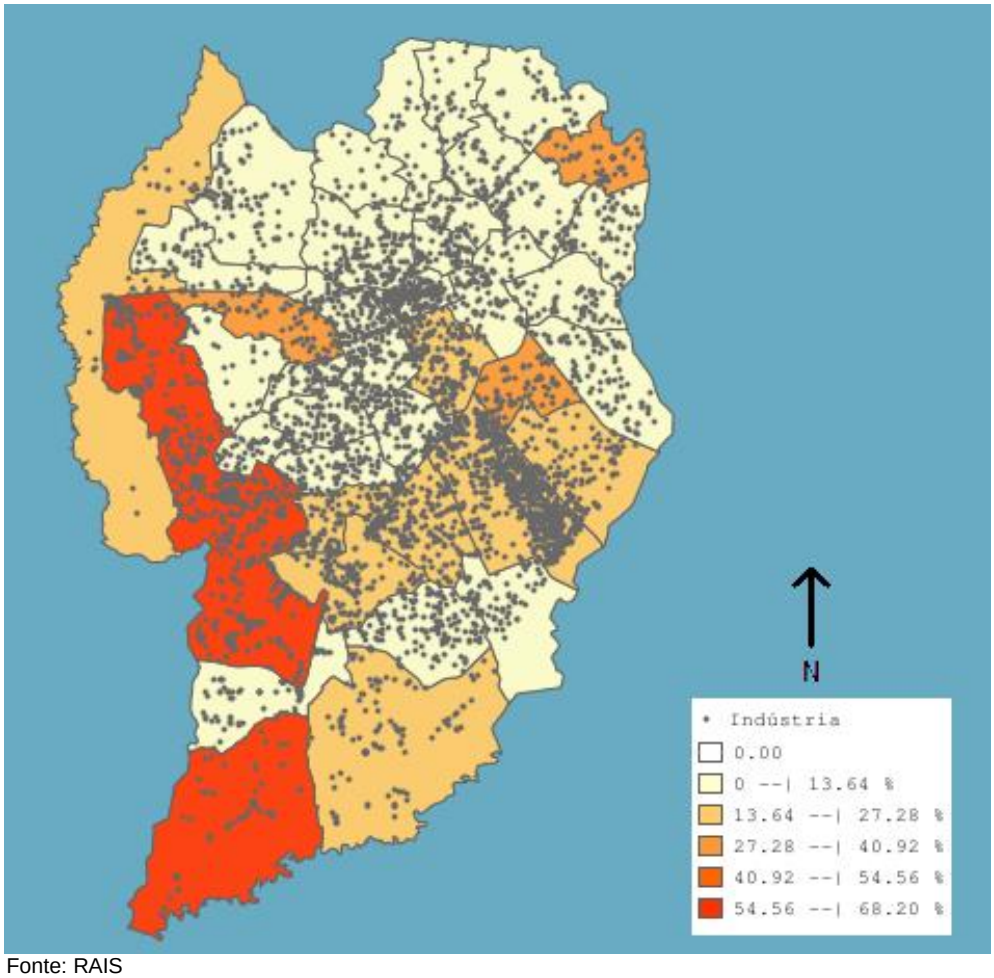
5 É importante apontar que, embora esta CNAE esteja em grande maioria associada à Indústria de transformação (com 8.639 vínculos relativos) a RAIS também aloca parte de seu estoque no setor de Serviços (1.601).

2.2. Estabelecimentos industriais na RMC

A distribuição dos estabelecimentos da Indústria, no município de Curitiba, não segue um padrão homogêneo, mas apresenta concentrações em regiões especificas. Como é possível observar no mapa abaixo, há pelo menos três regiões de concentração dos estabelecimentos industriais, representados pelos pontos acinzentados: a primeira região de concentração é a área central, reconhecida área administrativa do município. Também se observa concentração de estabelecimentos nos bairros agregados do Boqueirão e Hauer, localizados no sudeste do município de Curitiba. Por fim, também se observa uma mancha de concentração de estabelecimentos industriais na região da Cidade industrial de Curitiba, localizada na zona oeste do município, área reconhecida pelos incentivos fiscais para estabelecimento de atividades ligadas a este setor.

Observa-se também que, a concentração dos empregos industriais não segue necessariamente a mesma lógica de concentração dos estabelecimentos industriais. É o caso, por exemplo, dos bairros agregados do Campo de Santana e Caximba, localizados no extremo Sul do município. Como é possível notar, a região não concentra grande quantidade de estabelecimentos industriais, mas conta com grande participação de seu estoque de empregos neste setor (68,2%). Também é interessante citar os casos de três regiões marcadas com cores alaranjadas, que contam com uma proporção significativa de seus estoques no setor industrial: no centro-oeste, o Campina do Siqueira expandido (com 29,4% do estoque da região), no Centro-leste o Jardim das Américas e Guabirotuba (35,2%) e no Nordeste o Atuba e Tingui (32,7%). Ressalta-se que, ainda que estas regiões apresentem pelo menos um terço de seus estoques no setor industrial, observa-se pouca concentração de estabelecimentos associados a este setor nestas regiões (Anexo IV), o que pode indicar que estes empregos estão concentrados em estabelecimentos de grande porte.

FIGURA 01
Participação dos empregos formais da Indústria em relação ao total do bairro agregado e localização dos estabelecimentos industriais
Curitiba, 2013



Fonte: RAIS
Elaboração: DIEESE

Em 2013, a RMC apresentou 9.837 estabelecimentos com vínculos ativos associados à Indústria de transformação, e em 2003, eram 6.737, o que representa um crescimento médio anual de 3,9%. A maioria (52,2%) destes estabelecimentos associados à Indústria de transformação tinha até quatro vínculos ativos, categoria que incorporava 5.138 registros. Em relação ao ano de 2003, observa-se que esta categoria vem aumentando sua participação no total, já que respondia por 40,9% dos estabelecimentos do setor. Em segundo lugar no ranking figuram as indústrias que tinham entre cinco e nove vínculos, respondendo por 18,3% dos estabelecimentos do setor, o que representa 1.801 registros, em 2013. Em relação a 2003, esta faixa perdeu sua participação no total de estabelecimentos industriais, já que representava 19,7%. O terceiro lugar no ranking é ocupado pelos estabelecimentos que tinham entre 10 e 19 vínculos, que representavam 13,6% do total.

Em relação à variação média anual, nota-se crescimento em todas as faixas de estabelecimento, com proeminência dos estabelecimentos que tinham 1.000 vínculos ou mais, que apresentaram crescimento médio de 6,6% a.a, partindo de 10 estabelecimentos, em 2003, e atingindo 19, em 2013. Os estabelecimentos que tinham entre 500 e 999 vínculos ativos seguem com crescimento médio próximo, na ordem 6,3% a.a, atingindo 35 registros em 2013.

Tabela 8
Número absoluto, participação percentual e variação média anual de estabelecimentos na Indústria de transformação segundo número de vínculos ativos
RMC, 2003, 2008 e 2013

Nº de vínculos	2003		2008		2013		Variação média anual
	Nº Absoluto	Dist. (%)	Nº Absoluto	Dist. (%)	Nº Absoluto	Dist. (%)	
0 a 4	3.307	49,1	4.145	48,8	5.138	52,2	4,5
5 a 9	1.329	19,7	1.580	18,6	1.801	18,3	3,1
10 a 19	982	14,6	1.275	15,0	1.334	13,6	3,1
20 a 49	647	9,6	854	10,0	885	9,0	3,2
50 a 99	248	3,7	330	3,9	343	3,5	3,3
100 a 249	144	2,1	184	2,2	211	2,1	3,9
250 a 499	51	0,8	82	1,0	71	0,7	3,4
500 a 999	19	0,3	32	0,4	35	0,4	6,3
1000 ou mais	10	0,1	16	0,2	19	0,2	6,6
Total	**6.737**	**100,0**	**8.498**	**100,0**	**9.837**	**100,0**	**3,9**

Fonte: RAIS
Elaboração: DIEESE

Em 2013, três subsetores se destacam na participação dos estabelecimentos industriais da RMC: a Indústria metalúrgica, com 1.833 estabelecimentos (ou 18,6%), a Indústria de madeira e mobiliário, com 1.207 estabelecimentos (12,3%) e a Indústria de alimentos e bebidas, também com 1.213 estabelecimentos (12,3%). No caso da Indústria metalúrgica, a participação no total de estabelecimentos industriais aumentou (de 15,7% em 2003 para 18,6% em 2013), ao passo que a Indústria de madeira e mobiliário e Indústria de alimentos e bebidas perderam participação (de 14,8% e 13,6% para 12,3% e 12,3%, respectivamente).

Em termos de variação média anual, merecem destaque a Indústria mecânica e a Indústria metalúrgica, que observaram seus estabelecimentos aumentarem em média 10,1% e 5,7% a.a, respectivamente. O único subsetor a registrar variação negativa (-

3,0%), foi a Indústria de calçados, que registrava em 2003 19 estabelecimentos e em 2013 14.

TABELA 9
Número absoluto, participação percentual e variação média anual de estabelecimentos na Indústria de transformação segundo número subsetores de atividade econômica
RMC, 2003, 2008 e 2013

Subsetor de atividade econômica	2003		2008		2013		Variação média anual
	Nº Absoluto	Part. (%)	Nº Absoluto	Part. (%)	Nº Absoluto	Part. (%)	
Indústria metalúrgica	1.055	15,7	1.397	16,4	1.833	18,6	5,7
Alimentos e bebidas	917	13,6	1.252	14,7	1.213	12,3	2,8
Madeira e mobiliário	1.000	14,8	1.105	13,0	1.207	12,3	1,9
Indústria mecânica	394	5,8	632	7,4	1.029	10,5	10,1
Papel e gráfica	640	9,5	851	10,0	905	9,2	3,5
Indústria química	764	11,3	905	10,6	891	9,1	1,5
Produção de minerais não metálicos	618	9,2	664	7,8	773	7,9	2,3
Indústria têxtil	559	8,3	618	7,3	725	7,4	2,6
Borracha, fumo, couros	376	5,6	517	6,1	633	6,4	5,3
Material de transporte	195	2,9	278	3,3	296	3,0	4,3
Elétrico e comunicação	200	3,0	262	3,1	318	3,2	4,7
Indústria calçados	19	0,3	17	0,2	14	0,1	-3,0
Total	**6.737**	**100,0**	**8.498**	**100,0**	**9.837**	**100,0**	**3,9**

Nota (1): Ordenado segundo número absoluto em 2013
Fonte: RAIS
Elaboração: DIEESE

2.3 Perfil dos trabalhadores na Indústria

Em 2013, as mulheres respondiam pouco menos de um terço (30,3%) do estoque de empregos industriais, enquanto que os homens representavam a maioria absoluta (69,7%). A distância entre as duas participações, entretanto, vem diminuindo na série estudada: em 2003 as mulheres representavam 24,9% do estoque e, em 2008, 28,5%. No caso das mulheres[6], podemos observar que o estoque associado a este setor aumentou, em média, 6,9% a.a, ao passo que os homens registraram variação média de 4,0%. Em 2013, as mulheres somaram 67.336 vínculos na Indústria de transformação.

6 Vale apontar que, o crescimento médio anual do estoque das mulheres na Indústria de transformação (6,9%) foi superior aquele registrado para o estoque feminino total (5,5%), como foi analisado no Estudo da Estrutura Econômica e do Mercado de Trabalho do Município de Curitiba/PR, desenvolvido pelo Observatório do Trabalho.

A maioria dos vínculos de emprego na Indústria de transformação é relativa a trabalhadores que tinham entre 30 e 39 anos de idade, faixa que comportava, em 2013, 33,4% do total. Em segundo lugar no ranking figura a faixa de 40 a 49 anos, que representava no mesmo ano 19,8% do estoque de empregos. Em terceiro lugar no ranking encontram-se aqueles vínculos de trabalhadores de 18 a 24 anos, que representavam 17,9% do estoque industrial. Em relação ao crescimento médio anual, duas faixas se destacam: os trabalhadores com 50 a 64 anos de idade, que observaram seu estoque ampliar-se em média 10,7% a.a, e os vínculos de trabalhadores com até 17 anos, que observaram crescimento médio anual de 8,6%.

Por fim, nota-se que a maioria dos vínculos de emprego do setor (53,3%) estavam associados a trabalhadores que tinham o ensino médio completo, faixa que ampliou sua participação em relação a 2008, quando representava 46,5% do estoque do setor, movimento que pode ser explicado pelo crescimento médio de 4,8% a.a. Em segundo lugar no ranking figuram os trabalhadores que tinham superior completo, respondendo por 12,7% do setor em 2013, com tendência de expansão na participação em relação a 2008, quando atendiam por 9,9% do estoque setorial, tendência verificada no maior crescimento médio entre as faixas analisadas, de 7,3% a.a.

TABELA 10
Estoque de empregos formais e participação (%) na Indústria de transformação segundo atributos pessoais
RMC, 2003, 2008 e 2013

Atributos pessoais	2003		2008		2013		Variação Média Anual
	Nº Absoluto	Part (%)	Nº Absoluto	Part (%)	Nº Absoluto	Part (%)	
Masculino	104.603	75,1	143.815	71,5	154.555	69,7	4,0
Feminino	34.703	24,9	57.229	28,5	67.336	30,3	6,9
Total	**139.306**	**100**	**201.044**	**100**	**221.891**	**100**	**4,8**
Até 17 anos	1.328	1,0	2.475	1,2	3.023	1,4	8,6
18 A 24	32.719	23,5	42.125	21,0	39.683	17,9	1,9
25 A 29	29.632	21,3	43.329	21,6	39.309	17,7	2,9
30 A 39	45.035	32,3	63.031	31,4	74.085	33,4	5,1
40 A 49	22.605	16,2	35.748	17,8	43.878	19,8	6,9
50 A 64	7.591	5,4	13.854	6,9	21.011	9,5	10,7
65 OU MAIS	395	0,3	482	0,2	902	0,4	8,6
{ñ class}	1	0,0	0	0,0	0	0,0	-100,0
Total	**139.306**	**100**	**201.044**	**100**	**221.891**	**100**	**4,8**
Analfabeto	[1]	[1]	491	0,2	352	0,2	-6,4
Até 5ª Incompleto	[1]	[1]	3.684	1,8	3.565	1,6	-0,7
5ª Completo Fundamental	[1]	[1]	7.731	3,8	5.238	2,4	-7,5
6ª a 9ª Fundamental	[1]	[1]	15.068	7,5	12.060	5,4	-4,4
Fundamental Completo	[1]	[1]	30.391	15,1	25.098	11,3	-3,8
Médio Incompleto	[1]	[1]	21.975	10,9	20.804	9,4	-1,1
Médio Completo	[1]	[1]	93.560	46,5	118.338	53,3	4,8
Superior Incompleto	[1]	[1]	8.276	4,1	8.172	3,7	-0,3
Superior Completo	[1]	[1]	19.868	9,9	28.264	12,7	7,3
Total	**[1]**	**[1]**	**201.044**	**100**	**221.891**	**100**	**2,0**

Nota (1): Os dados de escolaridade não são desagregados para este período.
Fonte: RAIS
Elaboração: DIEESE

Nota-se ainda que, com exceção das duas faixas citadas, todas as demais registraram queda na variação média anual, o que pode estar indicando maior qualificação da mão de obra associada ao setor. Ao mesmo tempo, nota-se que o crescimento médio do estoque total de 2008 a 2013 (2,0% a.a), foi inferior ao crescimento da série decenal de 2003 a 2013 (4,8%), o que indica que o aumento de vínculos no período recente deu-se de maneira mais lenta do que no inicio da série.

2.4 Movimentação no mercado de trabalho industrial

A maioria das admissões no setor da Indústria de transformação se dá na forma de reemprego, categoria que foi responsável por 84,5% dos registros em 2013, ou 60 mil

admissões. Em segundo lugar no ranking figuram as admissões em caráter de primeiro emprego, que respondem por 8,1% dos registros em 2013, somando 5.762 novos vínculos. Destaca-se que esta categoria vem perdendo participação na série estudada, já que em 2003 respondia por 12,2% das contratações, e em 2008, por 10,6%. Por fim, constam as transferências sem ônus, que representam 6,8% das admissões, ou 4.874 registros. Destaca-se que a participação desta categoria vem crescendo, já que representava 3,3% dos registros em 2003, tendência verificada na variação média anual de 13,5%, percentual superior à média total, de 5,5% a.a.

TABELA 11
Numero absoluto, participação percentual e variação média anual de admissões na Indústria de transformação segundo tipo.
RMC, 2003, 2008 e 2013

	2003		2008		2013		Variação
Tipo de admissão	Nº Absoluto	Part (%)	Nº Absoluto	Part (%)	Nº Absoluto	Part (%)	Média Anual
Primeiro emprego	5.108	12,2	7.271	10,6	5.762	8,1	1,2
Reemprego	34.771	83,4	57.885	84,1	60.301	84,5	5,7
Transferência com ônus	438	1,1	417	0,6	378	0,5	-1,5
Transferência sem ônus	1.370	3,3	3.203	4,7	4.874	6,8	13,5
Outros	24	0,1	15	0,0	17	0,0	-3,4
Total	**41.711**	**100,0**	**68.791**	**100,0**	**71.332**	**100,0**	**5,5**

Fonte: RAIS
Elaboração: DIEESE

As demissões sem justa causa, motivadas pelo empregador, ainda são a maioria dos desligamentos associados à Indústria de transformação, somando mais de 60 mil registros em 2013, o que representa 48,1%. Destaca-se, entretanto, que tal categoria vem perdendo participação (representava 63,8% dos desligamentos em 2003), já que sua taxa de crescimento médio anual (6,0%) é inferior àquela registrada para as demissões em geral (9,1%). A segunda categoria com maior participação é a de desligamentos sem justa causa, motivados pelo trabalhador, responsável por 27,5% do total (34 mil registros). Em relação à série histórica decenal, a categoria vem aumentando sua participação, já que em 2003 representava 16,3% e, em 2008, 24,6% Também é importante apontar que a categoria apresentou o maior crescimento médio no período, de 14,9%;

TABELA 12
Numero absoluto, participação percentual e variação média anual de admissões na Indústria de transformação segundo tipo
RMC, 2003, 2008 e 2013.

Causa do desligamento	2003		2008		2013		Variação Média Anual
	Nº Absoluto	Part (%)	Nº Absoluto	Part (%)	Nº Absoluto	Part (%)	
Demissão com justa causa	587	1,1	1.034	1,0	1.810	1,4	11,9
Demissão sem justa causa	33.486	63,8	53.267	51,8	60.142	48,1	6,0
Término contrato	6.647	12,7	17.321	16,8	20.052	16,0	11,7
Desligamento com justa causa	31	0,1	68	0,1	54	0,0	5,7
Desligamento sem justa causa	8.545	16,3	25.258	24,6	34.380	27,5	14,9
Transferência	2.804	5,3	5.337	5,2	8.114	6,5	11,2
Outros	390	0,7	515	0,5	540	0,4	3,3
Total	**52.490**	**100,0**	**102.800**	**100,0**	**125.092**	**100,0**	**9,1**

Fonte: RAIS
Elaboração: DIEESE

A tabela 12 investiga o tempo de permanência no emprego para os vínculos ativos e inativos, na Indústria de transformação. Nota-se que, em 2013, a maioria dos vínculos ativos (51,2%) registravam tempo de permanência no emprego de pelo menos 24 meses, sendo que 26,2% apresentavam pelo menos 60 meses de vinculação. Em relação a 2003, observa-se que a participação dos vínculos com pelo menos 24 meses de atividade decaiu, já que neste ano representavam 53,2% do total. Por outro lado, os ativos que tinham até um ano de vinculação ao emprego representavam, em 2013, 32,2% do total, participação que se expandiu em relação ao início da série (em 2003), quando a faixa representava 29,9%.

A avaliação dos vínculos inativos, em 2013, aponta que 21,2% dos desligamentos faziam referência a vínculos que tinham mais de dois anos – ou 24 meses – de permanência no emprego, ao passo que aqueles desligados com até um ano no emprego representavam 62,4% do total, sendo que 31,0% se encerravam com até três meses de vinculação. Em 2003 os desligados que tinham até um ano de vinculação representavam 53,8% do total, ou seja, entre 2003 e 2013 observa-se uma expansão dos desligamentos dos vínculos com pouco tempo de permanência no emprego, em grande parte, motivados pelo crescimento dos desligamentos dos vínculos que tinham até três meses de permanência, faixa que cresceu 13,8% ao ano. Trata-se de um mercado de trabalho marcado pela alta rotatividade, expresso pelo baixo tempo de permanência no emprego.

TABELA 13
Numero absoluto, participação percentual e variação média anual de admissões na Indústria de transformação segundo tipo
RMC, 2003, 2008 e 2013

	Tempo de permanência	2003 Nº Absoluto	2003 Part (%)	2008 Nº Absoluto	2008 Part (%)	2013 Nº Absoluto	2013 Part (%)	Variação Média Anual
Ativos	Ate 2,9 meses	10.901	7,8	18.752	9,3	20.833	9,4	6,7
	3,0 a 5,9 meses	11.181	8,0	20.611	10,3	20.100	9,1	6,0
	6,0 a 11,9 meses	19.618	14,1	29.399	14,6	30.381	13,7	4,5
	12,0 a 23,9 meses	23.441	16,8	37.299	18,6	37.075	16,7	4,7
	24,0 a 35,9 meses	17.158	12,3	19.912	9,9	25.406	11,4	4,0
	36,0 a 59,9 meses	23.152	16,6	28.816	14,3	30.028	13,5	2,6
	60,0 a 119,9 meses	21.599	15,5	27.685	13,8	34.039	15,3	4,7
	120,0 meses ou mais	12.243	8,8	18.540	9,2	24.011	10,8	7,0
	{ñ class}	13	0,0	30	0,0	18	0,0	3,3
	Total	**139.306**	**100,0**	**201.044**	**100,0**	**221.891**	**100,0**	**4,8**
Inativos	Ate 2,9 meses	10.675	20,3	29.409	28,6	38.756	31,0	13,8
	3,0 a 5,9 meses	7.120	13,6	13.844	13,5	17.610	14,1	9,5
	6,0 a 11,9 meses	10.441	19,9	18.903	18,4	21.629	17,3	7,6
	12,0 a 23,9 meses	9.061	17,3	16.992	16,5	20.397	16,3	8,5
	24,0 a 35,9 meses	5.354	10,2	7.508	7,3	9.539	7,6	5,9
	36,0 a 59,9 meses	4.641	8,8	7.931	7,7	7.802	6,2	5,3
	60,0 a 119,9 meses	3.606	6,9	5.479	5,3	5.900	4,7	5,0
	120,0 meses ou mais	1.503	2,9	2.387	2,3	2.938	2,3	6,9
	{ñ class}	89	0,2	347	0,3	521	0,4	19,3
	Total	**52.490**	**100,0**	**102.800**	**100,0**	**125.092**	**100,0**	**9,1**

Fonte: RAIS
Elaboração: DIEESE

2.5.Remuneração média na Indústria

No Brasil, a remuneração média na Indústria de transformação era de R$ 2.183, em 2013, valor que representa um aumento real de 24,0% em relação aquele registrado no inicio da série (R$ 1.761). A região Sul e o Paraná apresentam remunerações médias inferiores àquelas registradas para o Brasil, na ordem de R$ 1.891 e R$ 1.887 respectivamente, ainda que tenham registrado aumentos reais superiores (33,8% e 36,2% respectivamente) em relação ao inicio da série estudada, quando auferiam em média R$ 1.413 e R$ 1.385. A região metropolitana de Curitiba e a capital registram remuneração média superior ao país, à região sul e ao estado, na ordem de R$ 2.685 e R$ 2.891, ainda que tenham registrado aumentos reais inferiores às demais regiões (de 29,3% e 24,5%).

Focando a remuneração média dos subsetores em Curitiba e região metropolitana, nota-se que a maior remuneração média é registrada entre os vínculos da Indústria de material de transporte que auferiam, em 2013, R$ 4.765 na Capital. Em segundo lugar no ranking figuram os vínculos da Indústria mecânica em Curitiba, que auferiam, em média, R$ 3.467 em 2013, seguidos pelos vínculos da Indústria elétrica e de comunicação, com R$ 3.077. Apenas três subsetores apresentam, em 2013, remuneração média superior na RMC em relação à capital: a Indústria metalúrgica (R$2.218 na RMC contra R$ 2.195 em Curitiba), a Indústria química (R$ 2.933 contra R$2.720, respectivamente) e Indústria têxtil (R$ 1.766 contra R$1.639, respectivamente).

Por fim, um olhar sobre a variação média anual revela que, ainda que o Sul e o Paraná apresentem as menores remunerações médias entre as regiões estudadas, registraram as maiores variações médias entre as regiões estudadas para o período, 3,0% e 3,1% respectivamente. É possível notar também que a variação média anual na RMC (2,6%) foi superior àquela registrada em Curitiba (2,2%), uma taxa similar à média nacional (2,2%). Em relação aos subsetores, nota-se variação média positiva em todos os casos e em todas as regiões, com exceção da taxa registrada para a Indústria de material elétrico e de comunicação em Curitiba, na ordem de -0,8% a.a. Cabe lembrar, entretanto, que este setor registrou a terceira maior remuneração média entre os subsetores industriais do município. As maiores variações médias anuais foram registradas no subsetor de Madeira e mobiliário, com 4,5% a.a na RMC e 4,7% a.a em Curitiba.

TABELA 14
Remuneração média e variação média anual segundo subsetores da Indústria de transformação
Regiões geográficas selecionadas, 2003, 2008 e 2013

	2003					2008					2013				
Subsetor de atividade econômica	**Brasil**	**Sul**	**Paraná**	**RMC**	**Curitiba**	**Brasil**	**Sul**	**Paraná**	**RMC**	**Curitiba**	**Brasil**	**Sul**	**Paraná**	**RMC**	**Curitiba**
Material de transporte	3.595	2.727	3.156	3.627	3.704	3.476	2.730	3.097	3.490	3.528	3.657	3.059	3.574	4.195	4.765
Indústria mecânica	2.478	2.180	2.311	2.952	3.177	2.656	2.343	2.347	2.842	3.146	2.898	2.570	2.716	3.256	3.467
Elétrico e comunicação	2.371	1.915	2.031	2.560	3.321	2.435	1.960	1.829	2.253	2.511	2.543	2.241	2.194	2.785	3.077
Indústria química	2.862	1.951	1.868	2.099	2.178	2.908	2.106	2.120	2.653	2.214	3.278	2.323	2.333	2.933	2.720
Papel e gráfica	2.176	1.692	1.841	2.003	2.142	2.277	1.859	2.082	2.251	2.371	2.475	2.094	2.219	2.456	2.668
Madeira e mobiliário	986	991	978	1.188	1.439	1.188	1.193	1.168	1.390	1.634	1.474	1.539	1.517	1.845	2.288
Borracha, fumo, couros	1.706	1.417	1.286	1.645	1.966	1.976	1.804	1.572	2.021	2.409	2.120	1.977	1.796	2.178	2.248
Indústria metalúrgica	2.002	1.621	1.311	1.694	1.561	2.216	1.853	1.534	1.865	1.670	2.358	2.086	1.843	2.218	2.195
Produção de minerais não metálicos	1.315	1.225	1.199	1.482	1.815	1.414	1.348	1.279	1.510	1.638	1.674	1.693	1.655	1.990	2.178
Alimentos e bebidas	1.255	1.198	1.191	1.458	1.549	1.408	1.275	1.291	1.582	1.805	1.652	1.545	1.565	1.793	1.955
Indústria calçados	949	1.093	769	800	865	987	1.127	982	1.018	1.178	1.169	1.341	1.210	1.615	1.955
Indústria têxtil	1.012	1.020	751	1.205	1.203	1.121	1.193	944	1.483	1.313	1.325	1.444	1.214	1.766	1.639
Total	**1.761**	**1.413**	**1.385**	**2.077**	**2.322**	**1.913**	**1.596**	**1.557**	**2.262**	**2.384**	**2.183**	**1.891**	**1.887**	**2.685**	**2.891**

Variação média anual

Subsetor de atividade econômica	**Brasil**	**Sul**	**Paraná**	**RMC**	**Curitiba**
Produção de minerais não metálicos	0,2	1,2	1,3	1,5	2,6
Indústria metalúrgica	1,6	1,7	1,6	1,0	0,9
Indústria mecânica	0,7	1,6	0,8	0,8	-0,8
Elétrico e comunicação	1,4	1,8	2,2	3,4	2,2
Material de transporte	1,3	2,2	1,9	2,1	2,2
Madeira e mobiliário	4,1	4,5	4,5	4,5	4,7
Papel e gráfica	2,2	3,4	3,4	2,8	1,3
Borracha, fumo, couros	1,6	2,6	3,5	2,7	3,5
Indústria química	2,4	3,3	3,3	3,0	1,8
Indústria têxtil	2,8	2,6	2,8	2,1	2,4
Indústria calçados	2,1	2,1	4,6	7,3	8,5
Alimentos e bebidas	2,7	3,5	4,9	3,9	3,1
Total	**2,2**	**3,0**	**3,1**	**2,6**	**2,2**

Nota (1): Em R$ de 2013, deflacionado utilizando o INPC/IBGE.
Nota (2): Ordenado segundo remuneração média em 2013.
Fonte: RAIS
Elaboração: DIEESE

2.6.Famílias ocupacionais

Em 2013, a família ocupacional dos *Alimentadores de linhas de produção* era responsável pela maior participação no estoque de empregos da Indústria de transformação, mas também apresenta transversalidade entre os setores econômicos, com 33.821 vínculos de emprego, ou 15,2% do total. Em relação a 2003, esta família aumentou sua participação no estoque industrial, já que neste ano atendia por 13,2% do total (18.340 vínculos), tendência verificada no crescimento médio superior àquele registrado para o total do setor, na ordem de 6,3% a.a. Em segundo lugar no ranking figuram os *Escriturários em geral, agentes, assistentes e auxiliares administrativos*, família que também apresenta transversalidade entre os setores econômicos e foi responsável por 5,8% do estoque de empregos industrial, em 2013. Em relação à série histórica, a participação desta família ocupacional vem se mantendo constante (5,6% em

2003 e 5,8% em 2013), tendência verificada na variação média anual similar aquela registrada para o total, de 5,2% a.a. Em terceiro lugar seguem os *Preparadores e operadores de maquinas-ferramentas convencionais*, família propriamente associada ao setor da indústria de transformação, com 2,9% do estoque de empregos do setor (ou 6.541 vínculos). Em relação à série histórica, esta família ocupacional vem perdendo participação (5,0% em 2003 e 4,3% em 2008), tendência verificada na variação média negativa, de -0,6% a.a. Também merecem destaque os *Montadores de veículos automotores (linha de montagem)*, quarto lugar no ranking, que observaram crescimento médio de 22,2% a.a no período estudado, saindo de 845 vínculos em 2003 e atingindo 6.438, em 2013, o que representava 2,9% do total.

As famílias ocupacionais acima descritas, juntas com a as 16 subsequentes no ranking, se destacaram na participação do estoque de empregos da Indústria de transformação, respondendo por 53,0% do total. Nota-se ainda que, em relação à série histórica, tais famílias concentraram a maioria dos empregos associados ao setor (44,3% em 2003 e 52,2% em 2008), fato verificado no crescimento médio acima do total da indústria de transformação (6,7% contra 4,8% a.a, respectivamente).

TABELA 15
Estoque de empregos nas 20 famílias ocupacionais com maior participação no estoque da indústria de transformação e variação média anual
RMC, 2003, 2008 e 2013

Família ocupacional	2003		2008		2013		Variação Média Anual
	Nº Absoluo	Part. (%)	Nº Absoluo	Part. (%)	Nº Absoluo	Part. (%)	
Alimentadores de linhas de produção	18.340	13,2	29.370	14,6	33.821	15,2	6,3
Escriturários em geral, agentes, assistentes e auxiliares administrativos.	7.800	5,6	11.567	5,8	12.948	5,8	5,2
Preparadores e operadores de maquinas-ferramenta convencionais	6.970	5,0	8.589	4,3	6.541	2,9	-0,6
Montadores de veículos automotores (linha de montagem)	845	0,6	4.381	2,2	6.438	2,9	22,5
Montadores de equipamentos eletroeletrônicos	3.215	2,3	6.624	3,3	5.582	2,5	5,7
Almoxarifes e armazenistas	2.363	1,7	3.672	1,8	5.038	2,3	7,9
Técnicos de controle da produção	2.425	1,7	3.744	1,9	5.005	2,3	7,5
Trabalhadores de soldagem e corte de metais e de compósitos	2.226	1,6	4.171	2,1	4.787	2,2	8,0
Cozinheiros	1.715	1,2	5.745	2,9	4.670	2,1	10,5
Operadores de maquinas a vapor e utilidades	3.483	2,5	3.762	1,9	4.658	2,1	2,9
Técnicos de planejamento e controle de produção	1.148	0,8	2.208	1,1	3.484	1,6	11,7
Vendedores e demonstradores em lojas ou mercados	1.928	1,4	3.918	1,9	3.261	1,5	5,4
Mecânicos de manutenção de maquinas industriais	2.008	1,4	2.921	1,5	3.235	1,5	4,9
Operadores de processos das indústrias de transformação de produtos químicos, petroquímicos e afin	1.385	1,0	1.810	0,9	2.433	1,1	5,8
Trabalhadores nos serviços de manutenção de edificações	0	0,0	1.716	0,9	2.409	1,1	-
Trabalhadores do acabamento gráfico	1.132	0,8	2.027	1,0	2.331	1,1	7,5
Trabalhadores de embalagem e de etiquetagem	1.391	1,0	1.721	0,9	2.326	1,0	5,3
Trabalhadores de caldeiraria e serralheria	1.169	0,8	2.022	1,0	2.237	1,0	6,7
Operadores de equipamentos de movimentação de cargas	829	0,6	1.534	0,8	2.216	1,0	10,3
Escriturários de apoio à produção	900	0,6	2.120	1,1	2.109	1,0	8,9
Operadores na fabricação de pães, massas e doces	451	0,3	1.251	0,6	2.107	0,9	16,7
Total 20 maiores	**61.723**	**44,3**	**104.873**	**52,2**	**117.636**	**53,0**	**6,7**
Total demais famílias	**77.583**	**55,7**	**96.171**	**47,8**	**104.255**	**47,0**	**3,0**
Total	**139.306**	**100,0**	**201.044**	**100,0**	**221.891**	**100,0**	**4,8**

Nota (1): Ordenada segundo estoque em 2013.
Fonte: RAIS
Elaboração: DIEESE

Por fim, analisam-se as remunerações médias das famílias ocupacionais com maior participação no estoque de empregos na Indústria de transformação. Em primeiro lugar no ranking constam os *Técnicos de planejamento e controle de produção*, com remuneração média de R$ 3.999. Trata-se de uma ocupação de nível médio, com recomendação de um a dois anos de experiência para desempenho das funções. Em relação à série histórica, nota-se que esta família apresentou variação média negativa, na ordem de -0,7% a.a. Em segundo lugar no ranking figuram os *Montadores de veículos automotores (linha de montagem)* que auferiam, em média, R$ 3.559 em 2013. Esta ocupação exige curso de nível médio, e curso de qualificação de 200 horas, além de um ano de experiência para o desempenho apropriado das funções. Em relação à série histórica, esta família vem expandindo sua remuneração média, na ordem de 5,6% a.a. Em terceiro lugar no ranking figuram os *Técnicos de controle da produção*, auferindo R$ 3.311 em 2013, uma ocupação de nível médio que demanda cursos de qualificação entre 200 e 400 horas.

Das 20 primeiras famílias ocupacionais do ranking, apenas três registraram variações médias negativas, com taxas inferiores a 1% a.a. Por outro lado, nove destas famílias ocupacionais apresentaram variações médias superiores àquela registrada para o total do setor, de 2,4% a.a.

TABELA 16
Remuneração média e variação média anual segundo famílias ocupacionais com maior participação no estoque da Indústria de transformação
RMC, 2003, 2008 e 2013

Família ocupacional	2003	2008	2013	Variação Média Anual
Técnicos de planejamento e controle de produção	4.279	4.343	3.999	-0,7
Montadores de veículos automotores (linha de montagem)	2.071	2.677	3.559	5,6
Técnicos de controle da produção	3.017	2.853	3.311	0,9
Mecânicos de manutenção de maquinas industriais	2.541	2.757	3.232	2,4
Vendedores e demonstradores em lojas ou mercados	1.500	1.741	2.402	4,8
Operadores de processos das indústrias de transformação de produtos químicos, petr. e afins.	2.445	2.485	2.389	-0,2
Preparadores e operadores de maquinas-ferramenta convencionais	1.997	2.207	2.387	1,8
Operadores de equipamentos de movimentação de cargas	1.655	1.951	2.352	3,6
Trabalhadores de soldagem e corte de metais e de compósitos	1.854	1.975	2.334	2,3
Operadores na fabricação de pães, massas e doces.	1.244	1.603	2.203	5,9
Escriturários de apoio à produção	1.808	1.670	2.188	1,9
Trabalhadores de caldeiraria e serralheria	1.461	1.755	2.158	4,0
Almoxarifes e armazenistas	1.598	1.660	1.996	2,2
Operadores de maquinas a vapor e utilidades	1.523	1.512	1.927	2,4
Montadores de equipamentos eletroeletrônicos	1.644	1.561	1.926	1,6
Escriturários em geral, agentes, assistentes e auxiliares administrativos.	1.796	1.699	1.738	-0,3
Trabalhadores do acabamento gráfico	1.263	1.378	1.630	2,6
Alimentadores de linhas de produção	959	1.114	1.328	3,3
Trabalhadores de embalagem e de etiquetagem	920	1.033	1.275	3,3
Trabalhadores nos serviços de manutenção e conservação de edifícios e logradouros	789	860	1.205	4,3
Cozinheiros	736	715	908	2,1
Total	**1.580**	**1.678**	**2.008**	**2,4**

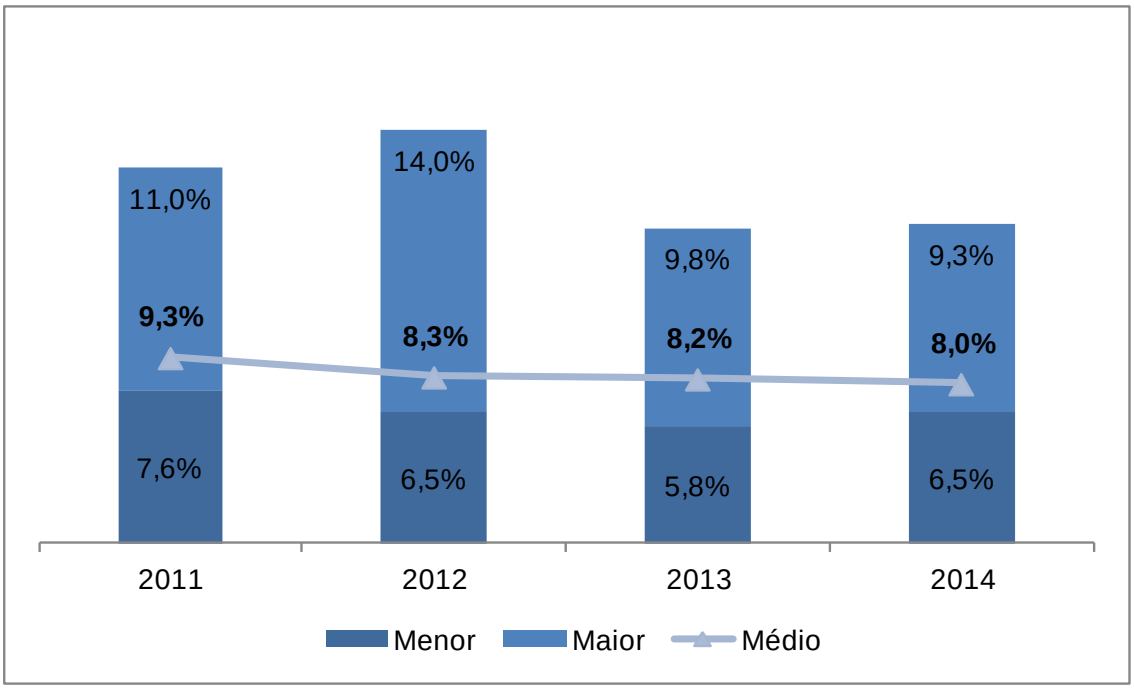
Nota (1): Ordenada segundo estoque em 2013.
Fonte: RAIS
Elaboração: DIEESE

3. CONVENÇÕES E ACORDOS COLETIVOS NA INDÚSTRIA: ANÁLISE DOS REAJUSTES

Como citado anteriormente, esta seção analisa aspectos gerais dos acordos e convenções da Indústria, com abrangência para a região metropolitana de Curitiba. Para construir uma amostra que se aproxime do conjunto de atividades que compõe o estoque de empregos do setor, o estudo selecionou 14 unidades de negociação acompanhadas pelo Sistema de Acompanhamento de Salários (SAS-DIEESE). Além disso, o estudo selecionou também quatro unidades de negociação que não são acompanhadas pelo SAS, com o objetivo de representar, de forma mais precisa, o conjunto de atividades com maior participação no estoque de emprego do setor. Três unidades selecionadas tinham abrangência exclusiva para Curitiba, quatro para o estado do Paraná e 11 estavam associadas à RMC. Ressalta-se ainda que seis instrumentos analisados são referentes a Acordos Coletivos de Trabalho (ACT), ao passo que 12 representavam representam Convenções Coletivas de Trabalho (CCT).

O gráfico 4 apresenta os reajustes nominais obtidos nas negociações do setor industrial, entre o período de 2011 e 2014. Nota-se que o maior reajuste foi registrado no ano de 2012 (14,0%) e o menor no de 2013 (5,8%). Também é possível notar que a distancia entre o menor e o maior reajuste vem diminuindo, já que em 2011 era de 3,4 p.p, e em 2014, de 2,8 p.p. O reajuste médio vem apresentando trajetória descendente, já que no ano de 2011 foi de 9,3%, ao passo que em 2014 atingiu 8,0%.

GRÁFICO 4
Reajustes nominais (%) em acordos e convenções coletivas da Indústria RMC, 2011 a 2014



Fonte: SAS-DIEESE
Elaboração: DIEESE

Entre 2011 e 2014, todas as unidades de negociação vêm apresentando ganhos reais no reajuste, com tendência de queda no percentual obtido. Em 2014, 66,7% das unidades (ou 12 unidades) de negociação registraram até 2,0% de ganho real em relação ao INPC, sendo que 22,2% (quatro unidades) registraram até 1% de ganho real. Em relação a 2011, a participação de unidades de negociação que somavam até 2% de ganho real representava 38,8% do total (sete unidades) sendo que apenas uma unidade registrou ganhos inferiores a 1% de aumento real.

O ano de 2012 merece destaque especial em relação aos rejustes obtidos pela indústria, a maioria dos reajustes (55,6%, ou 10 unidades de negociação) conquistou aumentos reais acima de 2%, sendo que duas unidades de negociação registraram percentuais acima de 4%.

TABELA 17
Distribuição absoluta e percentual dos reajustes na Indústria em relação ao INPC RMC, 2011 a 2014

Variação	2011		2012		2013		2014	
	Nº Absoluto	Part. %	Nº Absoluto	Part. %	Nº Absoluto	Part. %	Nº Absoluto	Part. %
Acima do INPC-IBGE	**18**	**100,0**	**18**	**100,0**	**18**	**100,0**	**18**	**100,0**
Mais de 5% acima	1	5,6	1	5,6	-	-	-	-
De 4,51% a 5% acima	-	-	-	-	-	-	-	-
De 4,01% a 4,5% acima	-	-	1	5,6	-	-	-	-
De 3,51% a 4% acima	3	16,7	-	-	-	-	-	-
De 3,01% a 3,5% acima	-	-	-	-	2	11,1	2	11,1
De 2,51% a 3% acima	2	11,1	6	33,3	1	5,6	1	5,6
De 2,01% a 2,5% acima	5	27,8	2	11,1	5	27,8	3	16,7
De 1,51% a 2% acima	2	11,1	5	27,8	5	27,8	5	27,8
De 1,01% a 1,5% acima	4	22,2	2	11,1	3	16,7	3	16,7
De 0,51% a 1% acima	-	-	1	5,6	1	5,6	2	11,1
De 0,01% a 0,5% acima	1	5,6	-	-	1	5,6	2	11,1
Igual ao INPC-IBGE	-	-	-	-	-	-	-	-
Abaixo do INPC-IBGE	-	-	-	-	-	-	-	-
Total	**18**	**100,0**	**18**	**100,0**	**18**	**100,0**	**18**	**100,0**

Fonte: SAS-DIEESE
Elaboração: DIEESE

Por fim, analisam-se os reajustes segundo ramo de atividade. Em 2014 a atividade que apresentou o maior percentual de aumento real médio foi a de Fiação a Tecelagem, com uma unidade de negociação, registrando aumento real médio de 3,0%. Em relação aos anos anteriores nota-se que este setor ampliou sua margem de negociação para o reajuste, já que o percentual obtido em 2014 representa o maior da série analisada. O segundo lugar no ranking é ocupado pelas negociações do ramo automobilístico, com aumento real médio de 2,6%. A série histórica aponta que o ganho real neste setor vinha crescendo até 2013, mas registrou queda no ultimo período analisado.

Na sequência figura a atividade Metalúrgica, mecânica e de material elétrico, que registrou aumento real médio de 2,1% em 2014, apresentando tendência de queda no período analisado. Nota-se ainda que todos os ramos - com exceção de Fiação e tecelagem, Panificação e confeitaria e Vestuário - observaram diminuição no aumento real em relação ao ano anterior. Vale destacar o caso da atividade de alimentação, setor que conta com três unidades de negociação analisadas: em 2011 este setor apresentou o maior aumento real médio (4,05%) e desde então vem obtendo percentuais inferiores, para encerrar o ano de 2014 com 1,89%.

TABELA 18
Numero absoluto, participação percentual e aumento real médio na Indústria segundo ramos de atividade
RMC, 2011 a 2014

Ramo de atividade	2011		2012		2013		2014	
	Reajuste Médio	Aumento real médio	Reajuste Médio	Aumento real médio	Reajuste Médio	Aumento real médio	Reajuste Médio	Aumento real médio
Alimentação	9,7%	4,0%	10,1%	3,8%	8,4%	2,1%	7,8%	1,9%
Automobilísticas	10,1%	2,5%	8,4%	2,8%	9,5%	3,3%	9,1%	2,6%
Cervejas e bebidas em geral	7,6%	0,3%	6,5%	0,9%	7,0%	1,2%	7,0%	0,4%
Fiação e Tecelagem	8,0%	1,6%	7,5%	2,5%	9,0%	1,7%	9,0%	3,0%
Gráfica	8,0%	1,4%	7,6%	1,4%	7,5%	1,2%	6,5%	0,9%
Material plástico	9,0%	1,5%	8,1%	2,6%	8,5%	2,3%	8,0%	1,6%
Metalúrgica, Mecânica e de Material Elétrico	10,3%	3,8%	8,7%	2,7%	8,3%	2,2%	8,2%	2,1%
Panificação e confeitaria	8,5%	2,1%	8,0%	3,0%	8,5%	1,3%	7,8%	1,9%
Papel, Papelão e Cortiça	8,5%	1,7%	7,5%	1,4%	7,3%	1,6%	7,6%	1,2%
Química e Farmacêutica	9,0%	1,8%	7,9%	2,1%	7,2%	1,3%	7,3%	0,9%
Vestuário	8,9%	1,4%	7,0%	1,5%	7,0%	0,9%	7,4%	0,9%
Total	**9,3%**	**2,5%**	**8,3%**	**2,5%**	**8,2%**	**2,0%**	**8,0%**	**1,7%**

Fonte: SAS-DIEESE
Elaboração: DIEESE

CONCLUSÕES

O presente estudo investigou as características gerais da atividade industrial na RMC, com enfoque especial no mercado de trabalho formal associado ao setor. Ainda que se considere a necessidade de uma investigação mais especifica para determinados subsetores da indústria para tecer conclusões apropriadas, a análise levantou uma série de elementos importantes, que serão sumarizados na sequência.

Entre 2003 e 2012, a participação da indústria no valor adicionado bruto nacional reduziu-se de 27,8% para 26,0%. Tal tendência também foi observada nas demais regiões pesquisadas, com destaque especial para a capital paranaense, que observou a participação da indústria no VAB decair de 24,2%, em 2004, para 17,0%, em 2012. A comparação entre a participação da indústria na capital e na RMC – excluindo Curitiba – demonstra que, ao longo da série estudada, a importância do setor para a geração de riqueza na RMC passa a ganhar mais peso do que para a capital do estado. Na RMC, a participação oscilou durante a série estudada entre 20,1%, em 2004, e 17,3% em 2012, mas terminou esse período com participação superior àquela observada na capital (17,0%) pela primeira vez na série histórica. Os dados apresentados podem estar indicando que o potencial de atratividade de empresas do setor industrial na RMC superou o da capital paranaense, hipótese corroborada pelo crescimento da participação do setor de Serviços na capital, que saiu de 69,5%, em 1999, para 72,9% em 2012. Possíveis explicações para esta tendência incluem, por exemplo, o aumento do custo da terra na capital, fomentado pela especulação imobiliária e pela alta concentração de estabelecimentos em áreas industriais, como mostrou a figura 1, dificultam o estabelecimento de empresas de grande porte na capital.

No ano de 2008, durante a crise econômica mundial, o saldo da balança comercial brasileira caiu -37,7%, e desde então não atingiu um patamar similar ao período pré-crise, sendo que no ano de 2014 registrou saldo negativo de -4 bilhões. Para o caso de Curitiba, nota-se que a balança comercial é eminentemente deficitária, principalmente depois do ano de 2009, em que as importações superaram as exportações em US$ FOB 1,3 bilhões.

O estoque de empregos associado à indústria de transformação cresce a uma taxa média inferior ao estoque total em todas as áreas pesquisadas. Tal movimento é mais latente

para o município de Curitiba, região que observou o estoque de empregos formais na Indústria de transformação aumentar de 72 mil vínculos em 2003 para 101 mil em 2013, o que representa um crescimento médio de 3,5% a.a no período, taxa inferior ao estoque total da capital (4,8% a.a). Além disso, a participação do estoque de empregos da Indústria de transformação no estoque total caiu para o caso de Curitiba (de 12,4% em 2003 para 10,9%), ao passo que para RMC manteve-se relativamente estável (17,9% em 2003 e 17,2% em 2013), ainda que com algumas oscilações no período.

Ao longo da série estudada, a participação da capital no estoque de empregos da Indústria de transformação na RMC variou negativamente, partindo de 57,8%, em 2003, para 45,9%, em 2013, o que corrobora a hipótese de que a atividade industrial ganha, paulatinamente, mais peso nos demais municípios da RMC do que na capital do estado. Para além do caso da capital paranaense, a análise do coeficiente locacional demonstrou que as capitais tendem a ser menos intensivas na participação do estoque da indústria de transformação, em relação à participação deste setor no estoque estadual.

Em 2013, o subsetor com maior participação no estoque da Indústria de transformação da RMC era a Indústria de material de transporte, com 33,6 mil vínculos (15,1% do estoque da Indústria de transformação), seguido pela Indústria de alimentos e bebidas, com 32,2 mil vínculos (14,5%) e Indústria mecânica (31,9 mil vínculos, ou 14,4%). Em relação às classes de atividade econômica, destaca-se a *Fabricação de peças e acessórios para veículos automotores não especificados anteriormente*, com 12,5 mil vínculos (ou 5,7% do total) e *Fabricação de automóveis, camionetas e utilitários*, com 10 mil vínculos, ou 4,5% do total. Também merece destaque o terceiro lugar no ranking, os *Serviços de catering, bufê e outros serviços de comida preparada*, que respondem por 8,6 mil vínculos, ou 3,9% do total.

Em relação ao perfil dos trabalhadores na Indústria de transformação, nota-se que a maioria dos vínculos dizia respeito, em 2013, a homens (69,7%), ainda que a participação das mulheres venha se expandindo na série estudada, refletido no crescimento médio superior (6,9% a.a) àquele observado pelos homens (4,0% a.a). Também é notável que a maioria dos trabalhadores do setor tivesse entre 30 a 39 anos (33,4% do total, em 2013), ainda que se note crescimento médio expressivo da faixa entre 50 e 64 anos (com variação média anual de 10,7% a.a).

A análise da remuneração média demonstrou que os valores médios auferidos pelos trabalhadores do setor, em 2013, na RMC (R$ 2.685) e na capital (R$ 2.891) representavam os maiores valores médios dentre as regiões pesquisadas, e ainda que o crescimento médio da remuneração na RMC (2,6% a.a) seja superior àquele registrado na capital (2,2% a.a). O subsetor de Material de transporte se destacou, obtendo a maior remuneração média dentre as atividades pesquisadas, na ordem de R$ 4.195, em 2013, na RMC. Entre as famílias ocupacionais, o destaque ficou por conta dos *Técnicos de planejamento e controle da produção*, categoria que auferia, em 2013, R$ 3.999, ainda que tenha registrado decréscimo na variação média anual (-0,7% a.a). Em relação aos reajustes, a análise demonstrou que o reajuste médio obtido pelos trabalhadores do setor vem caindo, sendo que em 2011 era de 9,3%, e em 2014, atingiu 8,0%, ainda que todas as unidades pesquisadas tenham registrado aumentos reais. O destaque ficou por conta da atividade de Fiação e tecelagem, com maior aumento real médio em 2014 (3,01%).

GLOSSÁRIO

Variáveis utilizadas nas bases do IBGE

Condição de ocupação: a pessoa foi classificada, quanto à condição de ocupação na semana de referência, em ocupada ou desocupada.

1. Gasta em pequenos períodos de repouso no local de trabalho, incluindo as pausas para tomar água, café ou chá, etc.

2. Nas horas trabalhadas não são incluídas:

3. As pausas para as refeições; e

4. O tempo gasto nas viagens da residência para o trabalho.

INPC (Índice Nacional de Preços ao Consumidor): é medido pelo IBGE em 11 capitais brasileiras. Considera apenas famílias com renda entre 1 e 8 salários mínimos.

Pessoa ocupada: considera-se como ocupada, na semana de referência, a pessoa que exerceu algum trabalho durante pelo menos uma hora completa na semana de referência; ou a pessoa que tinha trabalho remunerado do qual estava temporariamente afastada nessa semana. Considerou-se como ocupada temporariamente afastada de trabalho remunerado a pessoa que não trabalhou durante pelo menos uma hora completa na semana de referência por motivo de férias, licença remunerada pelo empregador ou por instituto de previdência, falta voluntária ao trabalho, greve, suspensão temporária do contrato de trabalho, doença, más condições do tempo, quebra de máquina, limitação de produção ou qualquer outro impedimento independente da sua vontade.

Pessoa desocupada: considerou-se como desocupada na semana de referência a pessoa sem trabalho na semana de referência, mas que estava disponível para assumir um trabalho nessa semana e que tomou alguma providência efetiva para conseguir trabalho no período de referência de 30 dias, sem ter tido qualquer trabalho ou após terem saído do último trabalho que teve nesse período.

Posição na ocupação: considerou-se como posição na ocupação a relação de trabalho existente entre a pessoa e o empreendimento em que trabalhava. Foram definidas cinco categorias de posição na ocupação no trabalho principal: (1) Empregado - para a pessoa que trabalhava para um empregador (pessoa física ou jurídica), geralmente obrigando-se ao cumprimento de uma jornada de trabalho e recebendo, em contrapartida, uma remuneração em dinheiro, mercadoria, produtos ou benefícios (moradia, alimentação, vestuário, treinamento, etc.). Nesta posição na ocupação incluíram-se: a pessoa que prestava o serviço militar obrigatório; o sacerdote, ministro de igreja, pastor, rabino, frade, freira e outros clérigos; a pessoa que trabalhava prestando serviço doméstico remunerado, em dinheiro ou benefícios, em um ou mais domicílios; o aprendiz ou estagiário recebendo somente aprendizagem ou treinamento como pagamento; e a pessoa remunerada somente em benefícios (moradia, comida, roupas, treinamento etc.); (2) Conta própria - para a pessoa que trabalhava explorando o seu próprio empreendimento, sozinha ou com sócio, sem ter empregado, ainda que contando com ajuda de trabalhador não remunerado; (3) Empregador - para a pessoa que trabalhava explorando o seu próprio empreendimento com pelo menos um empregado; (4) Não remunerado - para pessoa que trabalhou sem remuneração, durante pelo menos uma hora completa na semana de referência, em ajuda na atividade econômica de morador do domicílio que era conta própria, empregador ou empregado do setor privado; ou (5) Trabalhador na produção para o próprio consumo - para pessoa que trabalhou, durante pelo menos uma hora completa na semana de referência, na produção de bens, em atividade da agricultura, pecuária, caça, produção florestal, pesca ou aquicultura,

destinados somente à alimentação de, pelo menos, um morador do domicílio.

Semana de referência: a investigação das características de trabalho teve como semana de referência a semana de 23 a 29 de setembro de 2012 e 22 a 28 de setembro de 2013.

Relação anual de informações sociais (RAIS)

RAIS (Relação Anual de Informações Sociais): é um Registro Administrativo, de periodicidade anual, criada com a finalidade de suprir as necessidades de controle, de estatísticas e de informações às entidades governamentais da área social. Constitui um instrumento imprescindível para o cumprimento das normas legais, como também é de fundamental importância para o acompanhamento e a caracterização do mercado de trabalho formal.

Atividade econômica: Conjunto de unidades de produção caracterizado pelo produto produzido, classificado conforme sua produção principal. O IBGE possui, dentre outras, uma classificação de nove setores de atividade econômica: extrativa mineral; indústria de transformação; serviços industriais de utilidade pública; construção civil; comércio; serviços; administração pública; agropecuária, extrativa vegetal, caça e pesca; e 'outros'.

Estabelecimento: Os dados da RAIS são obtidos por meio das informações declaradas pelos estabelecimentos empregadores. Um estabelecimento empregador é definido como uma unidade que possua um código específico no CNPJ ou no CEI – Cadastro Específico do INSS. Nesse caso, deve-se atentar para que cada estabelecimento possua um CNPJ diferente, tendo a obrigação de declarar a RAIS separadamente. Sendo assim, não se pode confundir estabelecimento com empresa, visto que cada empresa pode possuir vários estabelecimentos (filiais).

Estoque do emprego: número de empregos ou vínculos formais declarados pelos estabelecimentos na data de referência (31/12), podendo ter uma abrangência geográfica que vai do município, região metropolitana, unidades da federação, grandes regiões até o total do país.

GLOSSÁRIO DE FAMÍLIAS OCUPACIONAIS

Alimentadores de linhas de produção: Preparam materiais para alimentação de linhas de produção; organizam a área de serviço; abastecem linhas de produção; alimentam máquinas e separam materiais para reaproveitamento.

Escriturários em geral, agentes, assistentes e auxiliares administrativos: Executam serviços de apoio nas áreas de recursos humanos, administração, finanças e logística; atendem fornecedores e clientes, fornecendo e recebendo informações sobre produtos e serviços; tratam de documentos variados, cumprindo todo o procedimento necessário referente aos mesmos. Atuam na concessão de microcrédito a microempresários, atendendo clientes em campo e nas agências, prospectando clientes nas comunidades.

Preparadores e operadores de maquinas-ferramenta convencionais: Preparam, regulam e operam máquinas-ferramenta que usinam peças de metal e compósitos e controlam os parâmetros e a qualidade das peças usinadas, aplicando procedimentos de segurança às tarefas realizadas. Planejam sequencias de operações, executam cálculos técnicos; podem implementar ações de preservação do meio ambiente. Dependendo da divisão do trabalho na empresa, podem apenas preparar ou operar as máquinas-ferramenta.

Montadores de veículos automotores (linha de montagem): Montam veículos automotores, organizam o ambiente de trabalho e monitoram o funcionamento de equipamentos e ferramentas em linhas de montagem. Controlam processos de montagem e elaboram documentação técnica. As atividades são exercidas em conformidade a normas e procedimentos técnicos, de qualidade, segurança, saúde e preservação do meio ambiente.

Montadores de equipamentos eletroeletrônicos: Montam, testam e inspecionam placas, aparelhos e, ou equipamentos eletroeletrônicos. Instalam painel de comando de rampa, esteira rolante e elevadores; preenchem relatórios e fichas dos equipamentos. Organizam e mantêm o local de trabalho em condições de uso. Abastecem o posto de trabalho de componentes, peças e materiais.

Almoxarifes e armazenistas: Recepcionam, conferem e armazenam produtos e materiais em almoxarifados, armazéns, silos e depósitos. Fazem os lançamentos da movimentação de entradas e saídas e controlam os estoques. Distribuem produtos e materiais a serem expedidos. Organizam o almoxarifado para facilitar a movimentação dos itens armazenados e a armazenar.

Técnicos de controle da produção: Inspecionam o recebimento e organizam o armazenamento e movimentação de insumos; verificam conformidade de processos; liberam produtos e serviços; trabalham de acordo com normas e procedimentos técnicos, de qualidade e de segurança e demonstram domínio de conhecimentos técnicos específicos da área.

Trabalhadores de soldagem e corte de metais e de compósitos: Unem e cortam peças de ligas metálicas usando processos de soldagem e corte tais como eletrodo revestido, tig, mig, mag, oxigás, arco submerso, brasagem, plasma. Preparam equipamentos, acessórios, consumíveis de soldagem e corte e peças a serem soldadas. Aplicam estritas normas de segurança, organização do local de trabalho e meio ambiente.

Cozinheiros: Organizam e supervisionam serviços de cozinha em hotéis, restaurantes, hospitais, residências e outros locais de refeições, planejando cardápios e elaborando o pré-preparo, o preparo e a finalização de alimentos, observando métodos de cocção e padrões de qualidade dos alimentos.

Operadores de maquinas a vapor e utilidades: Preparam máquinas e

equipamentos para operação e controlam o funcionamento das caldeiras e a qualidade da água. Operam sistemas de bombeamento e compressores de ar e controlam o funcionamento de máquinas fixas. Efetuam atividades para produção de gás de hulha e distribuem utilidades, identificando redes de distribuição, interpretando fluxograma de distribuição, elaborando procedimentos operacionais. Realizam manutenção de rotina em máquinas e equipamentos e trabalham segundo normas e procedimentos de segurança.

Técnicos de planejamento e controle de produção: Planejam, controlam e programam a produção; controlam suprimentos (matéria-prima e outros insumos). Planejam a manutenção de máquinas e equipamentos. Tratam informações em registros de cadastros e relatórios e na redação de instruções de trabalho.

Vendedores e demonstradores em lojas ou mercados: Vendem mercadorias em estabelecimentos do comércio varejista ou atacadista, auxiliando os clientes na escolha. Controlam entrada e saída de mercadorias. Promovem a venda de mercadorias, demonstrando seu funcionamento, oferecendo-as para degustação ou distribuindo amostras das mesmas. Informam sobre suas qualidades e vantagens de aquisição. Expõem mercadorias de forma atrativa, em pontos estratégicos de vendas, com etiquetas de preço. Abastecem pontos de venda, gôndolas e balcões e atendem clientes em lojas e mercados. Fazem inventário de mercadorias para reposição. Elaboram relatórios de vendas, de promoções, de demonstrações e de pesquisa de preços.

Mecânicos de manutenção de maquinas industriais: Realizam manutenção em componentes, equipamentos e máquinas industriais; planejam atividades de manutenção; avaliam condições de funcionamento e desempenho de componentes de máquinas e equipamentos; lubrificam máquinas, componentes e ferramentas. Documentam informações técnicas; realizam ações de qualidade e preservação ambiental e trabalham segundo normas de segurança.

Operadores de processos das indústrias de transformação de produtos químicos, petroquímicos e afins: Realizam interfaces de turnos de trabalho, programam atividades de produção e monitoram funcionamento de equipamentos e sistemas. Controlam parâmetros do processo produtivo, operam suas etapas e movimentam materiais e insumos. Transformam polímeros em produtos intermediários ou finais e realizam manutenção de primeiro nível. Trabalham em conformidade a normas e procedimentos técnicos de qualidade, segurança, higiene, saúde e preservação ambiental.

Trabalhadores nos serviços de manutenção de edificações: Executam serviços de manutenção elétrica, mecânica, hidráulica, carpintaria e alvenaria, substituindo, trocando, limpando, reparando e instalando peças, componentes e equipamentos. Conservam vidros e fachadas, limpam recintos e acessórios e tratam de piscinas. Trabalham seguindo normas de segurança, higiene, qualidade e proteção ao meio ambiente.

Trabalhadores do acabamento gráfico: Planejam a execução do serviço, ajustam e operam máquinas de acabamento gráfico e editorial. Preparam matrizes de corte e vinco, fazem gravações à máquina (hot-stamping) e realizam manutenção produtiva dos equipamentos. Trabalham em conformidade a estritas normas e procedimentos técnicos, de qualidade, segurança, meio ambiente e saúde.

Trabalhadores de embalagem e de etiquetagem: Preparam máquinas e local de trabalho para empacotar e envasar; embalam produtos e acessórios; enfardam produtos, separando, conferindo, pesando e prensando produtos; realizam pequenos reparos em máquinas, identificando falhas, regulando-as, substituindo pequenas peças e testando seu funcionamento.

Trabalhadores de caldeiraria e serralheria: Confeccionam, reparam e instalam peças e elementos diversos em chapas de metal como aço, ferro galvanizado, cobre, estanho, latão, alumínio e zinco; fabricam ou reparam caldeiras, tanques, reservatórios e outros recipientes

de chapas de aço; recortam, modelam e trabalham barras perfiladas de materiais ferrosos e não ferrosos para fabricar esquadrias, portas, grades, vitrais e peças similares.

Operadores de equipamentos de movimentação de cargas: Preparam movimentação de carga e a movimentam. Organizam carga, interpretando simbologia das embalagens, armazenando de acordo com o prazo de validade do produto, identificando características da carga para transporte e armazenamento e separando carga não-conforme. Realizam manutenções previstas em equipamentos para movimentação de cargas. Trabalham seguindo normas de segurança, higiene, qualidade e proteção ao meio ambiente.

Escriturários de apoio à produção: Apontam a produção e controlam a freqüência de mão-de-obra. Acompanham atividades de produção, conferem cargas e verificam documentação. Preenchem relatórios, guias, boletins, plano de carga e recibos. Controlam movimentação de carga e descarga nos portos, terminais portuários e embarcações. Podem liderar equipes de trabalho.

Operadores na fabricação de pães, massas e doces: Produzem massas alimentícias, doces, salgados, achocolatados e chocolates. Preparam massas alimentícias e recheios e controlam processos e linhas de produção. Efetuam testes e inspeções em produtos e embalagens. Preparam utensílios, máquinas e equipamentos para produção e realizam manutenção produtiva das máquinas e equipamentos. Trabalham seguindo normas de higiene, segurança no trabalho, qualidade e preservação ambiental.

ANEXOS

ANEXO I
Saldo de empregos celetistas na indústria de transformação entre os meses de janeiro e junho, segundo subsetores de atividade econômica
Regiões geográficas selecionadas, 2014 e 2015

	Brasil		Sul		Paraná		RMC		Curitiba	
Subsetores de atividade econômica	**2014**	**2015**	**2014**	**2015**	**2014**	**2015**	**2014**	**2015**	**2014**	**2015**
Produção de minerais não metálicos	1.915	-8.412	1.896	849	378	289	-76	221	-152	10
Indústria metalúrgica	-2.542	-28.391	1.113	-3.042	-494	-1.261	-502	-546	-261	14
Indústria mecânica	-816	-29.247	4.697	-7.476	567	-766	-185	-944	-337	-945
Elétrico e comunicação	-1.698	-15.095	340	-1.544	-222	-446	-1.001	-282	-741	23
Material de transporte	-15.088	-36.393	-793	-5.850	-1.031	-2.108	-1.294	-1.594	-187	-89
Madeira e mobiliário	1.080	-7.321	4.286	1.353	1.236	-311	160	-225	104	-38
Papel e gráfica	71	-8.193	1.424	-804	575	-293	-220	-383	-88	-324
Borracha, fumo, couros	16.697	6.126	15.149	9.905	1.191	654	308	74	-37	8
Indústria química	22.551	-2.255	5.692	-410	1.390	-1.338	388	-936	155	-221
Indústria têxtil	16.624	-15.684	10.908	2.213	1.943	-1.224	67	-204	19	-27
Indústria calçados	14.792	6.671	3.837	1.908	84	-234	7	-26	13	-17
Alimentos e bebidas	-3.043	-24.193	13.387	10.154	7.555	6.131	-1.285	-1.182	-1.414	-1.578
Saldo total	**50.543**	**-162.387**	**61.936**	**7.256**	**13.172**	**-907**	**-3.633**	**-6.027**	**-2.926**	**-3.184**

Fonte: CAGED
Elaboração: DIEESE

ANEXO II
Exportação, importação, saldo e variação percentual em relação ao ano anterior da balança comercial
Brasil, 2001 a 2014

Periodo	Exportação	Importação	Saldo	Variação %
2001	58.286.593.021	55.601.758.416	2.684.834.605	-
2002	60.438.653.035	47.242.654.199	13.195.998.836	391,5
2003	73.203.222.075	48.325.566.630	24.877.655.445	88,5
2004	96.677.498.766	62.835.615.629	33.841.883.137	36,0
2005	118.529.184.899	73.600.375.672	44.928.809.227	32,8
2006	137.807.469.531	91.350.840.805	46.456.628.726	3,4
2007	160.649.072.830	120.617.446.250	40.031.626.580	-13,8
2008	197.942.442.909	172.984.767.614	24.957.675.295	-37,7
2009	152.994.742.805	127.722.342.988	25.272.399.817	1,3
2010	201.915.285.335	181.768.427.438	20.146.857.897	-20,3
2011	256.039.574.768	226.246.755.801	29.792.818.967	47,9
2012	242.578.013.546	223.183.476.643	19.394.536.903	-34,9
2013	242.033.574.720	239.747.515.987	2.286.058.733	-88,2
2014	**225.100.884.831**	**229.144.785.349**	**-4.043.900.518**	**-**

Fonte: MDIC
Elaboração: DIEESE

ANEXO III
Estoque empregos na Indústria de transformação e variação média anual (%) Capitais e UF's, 2003, 2008 e 2013

	2003		2008		2013		Variação média anual (Capitais)	Variação média anual (Estados)
Capitais	Capitais	Estados	Capitais	Estados	Capitais	Estados		
Porto Velho	2.966	23.140	4.742	30.500	7.043	38.003	9,0	5,1
Rio Branco	2.460	3.410	4.187	5.514	4.732	6.966	6,8	7,4
Manaus	67.162	70.589	107.806	112.222	135.702	140.629	7,3	7,1
Boa Vista	994	1.101	1.722	2.158	2.639	3.254	10,3	11,4
Belém	14.997	74.278	16.655	89.416	16.674	89.095	1,1	1,8
Macapá	1.138	2.068	1.799	2.437	2.593	4.073	8,6	7,0
Palmas	1.292	7.029	1.934	11.645	2.716	16.826	7,7	9,1
São Luiz	7.976	22.738	14.687	35.594	14.612	43.201	6,2	6,6
Terezina	12.911	19.258	16.080	23.907	18.985	29.311	3,9	4,3
Fortaleza	60.833	164.473	77.516	215.542	89.694	263.819	4,0	4,8
Natal	15.264	44.742	26.905	67.449	22.955	66.938	4,2	4,1
João Pessoa	11.411	45.269	15.833	66.931	18.390	81.024	4,9	6,0
Recife	27.827	129.255	36.724	200.338	38.756	239.774	3,4	6,4
Maceió	8.777	80.217	15.085	103.872	15.903	92.847	6,1	1,5
Aracaju	8.847	25.988	10.641	34.265	11.003	47.161	2,2	6,1
Salvador	19.091	127.547	26.601	191.520	37.282	229.087	6,9	6,0
Belo Horizonte	60.444	529.156	77.332	746.067	73.459	851.867	2,0	4,9
Vitória	6.428	75.719	8.258	110.361	8.210	125.453	2,5	5,2
Rio de Janeiro	141.395	306.801	164.096	391.749	199.200	469.784	3,5	4,4
São Paulo	451.818	1.926.916	564.960	2.636.486	539.543	2.822.589	1,8	3,9
Curitiba	72.180	431.618	96.090	608.802	101.871	710.559	3,5	5,1
Florianópolis	4.605	428.723	6.753	581.610	6.255	680.223	3,1	4,7
Porto Alegre	41.253	571.796	49.532	666.423	48.049	746.549	1,5	2,7
Campo Grande	9.847	42.400	14.495	68.130	19.094	95.761	6,8	8,5
Cuiabá	8.245	63.701	13.436	89.060	15.914	108.661	6,8	5,5
Goiânia	38.895	118.040	45.559	184.991	53.074	248.639	3,2	7,7
Brasília	20.187	20.187	33.851	33.851	40.646	40.646	7,2	7,2
Total	**1.119.243**	**5.356.159**	**1.453.279**	**7.310.840**	**1.544.994**	**8.292.739**	**3,3**	**4,5**

Fonte: RAIS
Elaboração: DIEESE

ANEXO IV
Número de estabelecimentos na Indústria, participação percentual e variação média anual. Bairros agregados de Curitiba, 2012 e 2013

Bairro agregado	2012 Nº Absoluto	2012 Part (%)	2013 Nº Absoluto	2013 Part (%)	Variação Média Anual
Abranches Expandido	27	0,5	32	0,6	18,5
Água Verde	118	2,4	109	2,1	-7,6
Alto Boqueirão	72	1,5	77	1,5	6,9
Alto da XV Expandido	110	2,2	115	2,3	4,5
Atuba e Tinguí	48	1,0	46	0,9	-4,2
Batel e Bigorrilho	109	2,2	130	2,6	19,3
Bacacheri	71	1,4	69	1,4	-2,8
Bairro Alto	66	1,3	77	1,5	16,7
Barreirinha e Cachoeira	29	0,6	32	0,6	10,3
Boa vista	57	1,2	55	1,1	-3,5
Boqueirão e Hauer	695	14,0	721	14,2	3,7
Cabral	42	0,8	46	0,9	9,5
Cajuru	99	2,0	98	1,9	-1,0
Campina do Siqueira Expandido	90	1,8	92	1,8	2,2
Campo Comprido	29	0,6	36	0,7	24,1
Campo do Santana e Caximba	48	1,0	64	1,3	33,3
Capão da Embuia e Tarumã	67	1,4	63	1,2	-6,0
Capão Razo	111	2,2	111	2,2	0,0
Centro	231	4,7	222	4,4	-3,9
Centro Cívico e Juveve	65	1,3	69	1,4	6,2
CIC Norte	45	0,9	44	0,9	-2,2
Cidade Industrial	632	12,8	654	12,9	3,5
Fazendinha	68	1,4	69	1,4	1,5
Ganchinho e Umbará	122	2,5	132	2,6	8,2
Guabirotuba e Jardim das Américas	73	1,5	77	1,5	5,5
Guaíra e Fanny	110	2,2	116	2,3	5,5
Novo Mundo	111	2,2	115	2,3	3,6
Pilarzinho	25	0,5	26	0,5	4,0
Pinheirinho	148	3,0	148	2,9	0,0
Portão	120	2,4	116	2,3	-3,3
Rebouças Expandido	212	4,3	202	4,0	-4,7
Santa Cândida	42	0,8	46	0,9	9,5
Santa Felicidade Expandido	104	2,1	111	2,2	6,7
São Braz e Santo Inácio	63	1,3	68	1,3	7,9
São Francisco Expandido	152	3,1	164	3,2	7,9
Sítio Cercado	137	2,8	140	2,8	2,2
Tatuquara	60	1,2	70	1,4	16,7
Uberaba	133	2,7	135	2,7	1,5
Vila Izabel e Santa Quitéria	67	1,4	68	1,3	1,5
Xaxim	204	4,1	211	4,2	3,4
Não Localizado	143	2,9	107	2,1	-25,2
Total	**4.955**	**100,0**	**5.083**	**100,0**	**2,6**

Fonte: RAIS
Elaboração: DIEESE